



PATO MACHO

DALTRO ENTREGA

Otto é fofoqueiro
Alcindo é o bicho
Dino: um aspirante
Braulio, que Braulio?

Carro brasileiro é Bagulho

Rockfeller
nao da
dólar furado
pelas armas
de MR. ZATTI



PAG. 8 e 9

Roberto Manera

Na Pagina Central



Pag. 5

Advogado
do Grêmio
denuncia: só
mesmo LEOPOLDO
HEITOR
desenterra o
"CASO DA FEDERAÇÃO"



Rock SAYS NO to Mr Zatti

OU
DE COMO JAIU PELA
CULATRA UM TIRO
DE ARCABUZ
MAL CALIBRADO

30 ROCKEFELLER PLAZA
NEW YORK, N.Y. 10020

April 25, 1971

Dear Sir:

Your letter dated April 12 to Governor Rockefeller has been referred to me for reply. For your personal guidance I can assure you that the collection of arms mentioned in your letter is entirely unknown to the Governor and furthermore he is not a collector of such items.

Your thoughtfulness in writing to the Governor is appreciated.

Sincerely,
Mário de Almeida Lima

Mr. Mario de Almeida Lima
O ESTADO DE SÃO PAULO
Av. Borges de Medeiros
241, 12º andar
Porto Alegre, RS, Brasil

A CAPTA DO
SECRETÁRIO DE
ROCKEFELLER

O chefe (1) me chamou no seu gabinete e falou: — "Rogério, esse negócio dessas armas do Zatti não tá me cheirando bem. Desconfio que essa badalada ali na imprensa, e sobre a manada (2)". Bem, quando um chefe fala, tá falado. Comecei então a partir daquele dia: uma investigação.

Nosso jornal (4) já tinha noticiado que "a famosa coleção de armas do senhor Arlindo Zatti estava para sair do país" (Nessa meus filhos, todo mundo tá embarrasado). Nossa reportagem veio pelo "Folha", também contou coisas do arco, narradas pelo dono da coleção e escritas pela imaginação cristiva do repórter. Estávamos, assim, na mesma canção, com nossos coleguinhas de toda a imprensa brasileira. Fora o PATO — porque ainda não saíra do ovo — todo mundo tinha badalado a coleção do sr. Arlindo Zatti, inclusive a Enciclopédia Bloch.

Mas vamos ao que interessa. A partir do momento em que passamos a examinar o caso com olho clínico, a gente foi vendo que por trás das grandes reportagens sempre o sr. Zatti dizia que "Rockefeller tinha mostrado interesse em comprar sua coleção", havendo afirmado até que em sua casa estiveram dois emissários de Mr. Rock (6).

Havia uma necessidade muito grande da coleção, estar de vez quando o sr. Zatti não tinha o jornal, pois como diz o poeta, "quem não se viu, não se lembrou". Mas Zatti sempre foi um jornalista sério. Mesmo quando a coleção estava nas mãos de uma turma brava de Edmundo e com os que tentaram seqüestrar o consul americano, o sr. Zatti acabou um jeito e foi notícia junto com sua coleção. Espalhou e telefonou para os jornais dizendo que tinha sido também vítima de uma tentativa de seqüestro. Seu Simão tinha sido "apertado" por outro carro e um "terrorista deu-lhe dois tiros. Ora, a polícia logo pensou: quem seqüestrar o homem e roubar a sua coleção. Como a coleção é realmente preciosa, com belas armas, muitas delas modernas e em perfeitas condições de uso, a polícia botou uma guarda permanente no apartamento do sr. Zatti. Bem, aí foram interrogar o sr. Zatti e ele disse que no seu carro não tinha marcas de balas porque os tiros entraram por uma janela e saíram pela outra. Era mais uma.

A maior coleção particular de armas do Rio Grande do Sul vai mudar de mãos e vai parar em mãos inapropiadas. Esta é a razão principal porque Arlindo Zatti quer vender parte importante de suas 1.500 armas, todas em perfeitas condições de conservação e funcionamento. A coleção tem 500 mil dólares pelo preço de venda. O sr. Zatti não quer mais Zatti ainda não quer mais Zatti. O sr. Zatti tem desejo e que ficou no Rio Grande do Sul de um trabalho de 30 anos, tempo que levou adquirindo pistolas, fuzis, revólveres, garruchas, lanças, punhais e armas exóticas. O sr. Zatti não quer mais condições físicas para cuidar de uma coleção como aquela. E já são três tentativas de seqüestro. Sou obrigado a manter um guarda permanente à porta da coleção. A coleção tem uma grande importância para uma pessoa que não tem mais Zatti. Zatti não respondeu à pergunta de Nelson Rockefeller: nem é de um lugar que recebeu 125 mil dólares pela coleção. O sr. Zatti não quer mais Zatti de dentro do estado. O Governador Peracchi de Barcelos está interessado, assim como o prefeito de Porto Alegre e de Caxias do Sul. Zatti está disposto a vender a coleção por um valor de 1 milhão de dólares. Os outros dois valores ficam como doação. Não faltam interessados. E alguns que pretendem levá-la de graça e na raça. Por isto Zatti tem pressa.

NORMA MARZOLA/WILSON LIMA
"FATOS E FOTOS"
DE 17/9/70

Esta não é uma reportagem. É a história de uma reportagem publicada em "O Estado de São Paulo" revista e ampliada pelo seu autor, Rogério Mendelski. O PATO, um jornal pacífico, enveredou por este caminho belicosos por diversos motivos: 1) As armas do sr. Zatti estão voltando à atualidade. 2) Nenhum jornal de Porto Alegre fez referência à reportagem de Rogério nas matérias que publicou sobre o mesmo assunto, embora se conheça a avidez com que age a tesoura dos coleguinhas secretários da imprensa local em relação a tudo que se publica de importante (e de gaúcho) no Rio de Janeiro. 3) O sr. Arlindo Zatti, um jornalista emérito, autor de memoráveis crônicas sobre cinegética ("a arte de caçar com o auxílio de coxilhas em vóo livre, não ficará sem defesa: as páginas do PATO estão à sua disposição, julgamos mesmo que se poderá travar aqui um duelo e sensacional duelo: Arlindo Zatti x Rogério Mendelski. Em posição, pois, para o primeiro tiro, Rogério Mendelski, nascido em Viamão e cidadão do mundo!

Estávamos sonda mesmo? Ah, no exame das coisas. Em seguida, a imprensa de Porto Alegre deu o nome de outro instrutor da coleção do sr. Zatti: a americana, de Houston (Texas), chamada Delta Import Export, através de seu diretor, H. de Moura, queria comprar a coleção por 550 mil dólares (quase 3 milhões, dos novos, câmbio atual). Foi aí que surgiu a Prefeitura de Caxias do Sul (terra natal do dono da coleção) entrou na história querendo comprar as armas. O sr. Zatti deixou a coleção, dizendo que não desejava que sua coleção fosse embora do Brasil e venderia até por menos para a Prefeitura de sua terra natal. Querida apenas Cr\$ 1.200.000 em quarenta prestações de Cr\$ 30.000,00. Foi então que o sr. Zatti desconfiou mesmo. Alguns disseram que havia naquilo tudo: Uma americana oferecendo mil dólares, à vista, isto é, milhões novos e o sr. Zatti, por outro lado, jogava pela janela Cr\$ 1.800.000,00 para ficar com Cr\$ 1.500.000,00 em quarenta prestações.

Pôrto Alegre, RS, 5 Fev 71
Ilmo Sr
ARLINDO PEDRO ZATTI

Américo José Brasil-Cai
Américo José Brasil-Cai
Resp p/Ch do T.M do III Ex

Em resposta a vossa carta de 5 de dezembro de 1970, versando sobre a possibilidade da venda de sua coleção para o exterior, informo:

- que o Dec nº 66.788, de 26 Jun 70, trata da matéria em questão, de vez que a referida venda, se positivada, constituir-se-ia em um processo de exportação de armas, inclusive de material bélico não obsoleto e histórico;
- que nos termos dos parágrafos 3º e 4º do supra-citado Decreto, cabe ao Ministério do Exército ouvir o Conselho de Segurança Nacional, para venda em questão, bem como ser ainda necessária audiência e parecer favorável dos órgãos adequados do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no que se refere a exportação das mencionadas armas históricas existentes;
- finalmente que, pelo item 6 da Portaria nº 92, de 31 Ago 70, do Chefe do EME, as armas recebidas por V.S., como "doação" de Organizações Militares, deverão ser devolvidas, sem qualquer indenização, não podendo ser cedidas sob qualquer pretexto, caso V.S. venha a se desfazer de sua coleção de armas.

A sucursal de "O Estado de São Paulo" achou a coisa muito especial e resolveu partir para mais uma briga. Enquanto Paulo Macedo tentava descobrir o endereço da firma nos Estados Unidos, eu estava a falar para falar com o "Houston Chronicle", um dos melhores jornais do Texas e o chefe falava com o consulado brasileiro em Houston. A gente tinha que descobrir a firma Delta Import and Export.

Macedo de posse da lista telefônica de Houston (dá umas três igual a de Pôrto Alegre) descobriu 54 firmas com o nome Delta, mas nenhuma era Import and Export. Nossa curiosidade foi aumentando. Nos Estados Unidos uma firma não tem telefone, ainda se tratando de uma firma que faz importação e exportação; não fazia muito sentido. A lista a gente conseguiu no consulado americano. No telefone não houve contestação imediata da redação, mas ficou um pedido de averiguação sobre a firma e sobre o sr. H. de Moura. E o telefone, na hora da ligação com o conselheiro do sr. Zatti, o ministro Corsetti, dava a casa do consulado brasileiro. O chefe conversou um tempinho com ele e eu na extensão gravando tudo. Não

sabia o cônsul da existência da firma aquela. Uma semana depois chegou uma carta do "Houston Chronicle", assinada pelo chefe de reportagem local (vê o nome dele no dossiê, Pinheiro) dizendo que um repórter tinha ido conversar com o sr. H. de Moura e que ele dissera a firma que ele dirigia tinha sido fechada em agosto de 1969. A assinatura da proposta que o sr. Zatti tinha, não era dele. Talvez tivesse sido falsificada pelo representante que a firma tinha no Rio de Janeiro, pois estava ainda em seu poder papéis timbrados da Delta". O negócio estava começando a ficar ruim e que cobrasse entrada dos visitantes. Essa ronda seria parte para si e quando ele morresse ficaria para seus filhos, netos, etc. e tal. O contrato feria o Direito Público. Ninguém podia impor condições ao poder público, tá-tá-tá e coisa. Nossa reportagem acabou o assunto, Zatti nunca nos contestou. Jamais negou ou repeliu coisa alguma do que a reportagem dizia. Isto é, quem cala, consente. Agora os jornais locais, que nunca tiveram o peito de fazer uma matéria como a que fizemos, voltam a programar o sr. Zatti novamente. O vice-presidente da República foi visitar a coleção do sr. Zatti. Disse que uma coleção como aquela não pode sair do país. Certo, em termos. A coleção tem muitas armas que deixaram de fazer parte dela, assim que o sr. Zatti tentou vendê-la. Há um ofício do III Exército que especifica bem o assunto (a gente pode publicar fac-símile, Pinheiro. Está no

A matéria saiu num domingo. Contando tudo a respeito da coleção. Assim que o jornal chegou em Curitiba a situação na Câmara de Vereadores mudou. A maioria é do MDB, assim como o prefeito. A Arena na oposição (isso acontece também com as melhores famílias) broncava. Houve discussão e por causa, exclusivamente da reportagem a Prefeitura acabou não comprando a coleção. Zatti tinha feito um contrato exigindo que fosse construído um museu na cidade que levasse o seu nome e que cobrasse entrada dos visitantes. Essa ronda seria parte para si e quando ele morresse ficaria para seus filhos, netos, etc. e tal. O contrato feria o Direito Público. Ninguém podia impor condições ao poder público, tá-tá-tá e coisa. Nossa reportagem acabou o assunto, Zatti nunca nos contestou. Jamais negou ou repeliu coisa alguma do que a reportagem dizia. Isto é, quem cala, consente. Agora os jornais locais, que nunca tiveram o peito de fazer uma matéria como a que fizemos, voltam a programar o sr. Zatti novamente. O vice-presidente da República foi visitar a coleção do sr. Zatti. Disse que uma coleção como aquela não pode sair do país. Certo, em termos. A coleção tem muitas armas que deixaram de fazer parte dela, assim que o sr. Zatti tentou vendê-la. Há um ofício do III Exército que especifica bem o assunto (a gente pode publicar fac-símile, Pinheiro. Está no

dossiê). Portanto, a gente tem que ficar novamente de olho aberto. O sr. Zatti vai tentar vender sei lá por aí.

Quem quiser saber da verdade no Rio Grande do Sul vai ter que ler o Estado de São Paulo. Ou o Fôlego.

Rogério Mandelki

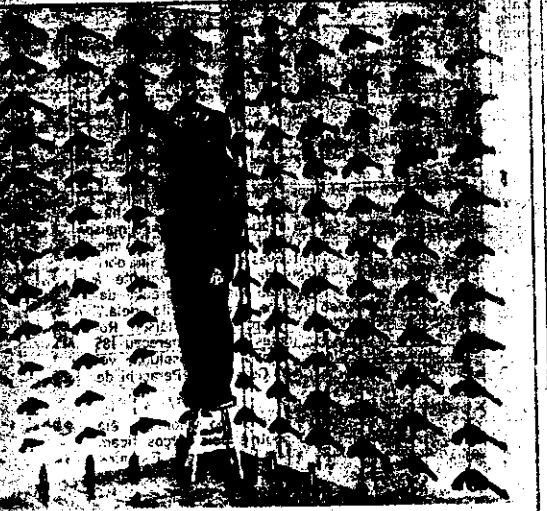
APÊNDICE

- (1) Mário de Almeida Lima, chefe da Sucursal de "O Estado de São Paulo"
- (2) Na realidade, como convém a um jornalista da língua, o chefe não falou assim. Disse-me: "acho que, desse modo sai melhor".
- (3) "Estado de São Paulo"
- (4) "Jornal da Tarde"
- (5) Intimidade, bichos, intimidade. Afinal o homem escreveu pra gente.
- (6) Tranquilizadamente, se o sr. prefeito de Curitiba, Vítor Iru, tivesse comprado a coleção, hoje estaria enfrentando um processo de cassação de mandato, coisa que está muito em moda pelas Prefeituras de nosso "hinterland", como diria o Antônio Carlos Pôrto.

PINHEIRO:

ATENÇÃO: Jovem, não precisa ser revisado. Foi escrito ontem (dia 23), num quarto do Alfred Hotel (o hotel que cobre o lado das máquinas de lavar roupa). Busca o endereço no guia de Curitiba. Não vale como bagagem. Curitiba, 5 de fevereiro de 1971. Pode ser a grande matéria da outra semana.

Diga pro Toti que a Rádio São Francisco, a Itá de Curitiba do Sul, está precisando de roteiristas de novela. Eles estão procurando um cara que nos anos de 1950 fazia novelas chorosas numa rádio de Passo Fundo sob o pseudônimo de Paulo Hugo de Severo Font. Tudo isso foi feito e escrito na possibilidade de negócio ser publicado. Se não for, atizra...



1.500 armas
Ele tem mais de...

TOMÁS, O INVENTOR

NÃO SEI NADA PARA MIM ESSÉ MOEDOR DE CARNE QUE FAZEM DIA DIA USAR CONTRA A HUMANIDADE

1971. 28

a história é feita em surpresas e se constrói exclusivamente com entredós. Nada mais falso do que a ideia hegeliana segundo a qual "a história se repete". Repetir-se repete — todos os golpes da Bolívia se parecem, por exemplo — mas na medida que é aparência do fato, na sua exterioridade jornalística, não em sua integridade de acontecimento social decorrente de fatores estruturais concretos, como as condições de classes, de gerações ou simplesmente de empresas que atuam entre pessoas com relativos poderes de decisão.

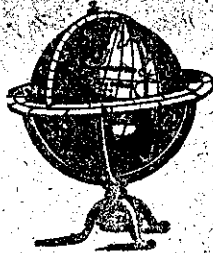
Uma vez como tragédia, outra como comédia — nos ensinou um velho aluno de Hegel — a história se repete, naquilo que não é essencial. E a história oficialmente aceita é feita de fatos não essenciais. De fatos e figurinhas colados como num álbum infantil. São estes mesmos fatos que marcam o tom da política até poucos anos no Brasil "ainda estamos nesta fase". A notícia é o número de baixas, o presidente assassinado, o prêmio invadido, o rei deposto, os crimes do ditador, a colina tomada, a falência de Rolls Royce, as fúrias da rainha, os amantes do ministro, Defesa das bombas explosivas, as manifestações comunistas, as vozes fascistas, o resuscitado da direita, o avanço da esquerda, a hipocrisia dos liberais, e a corrupção de todos.

Um livro de história oficial — isto é, adaptado nos escritos, não contém mais informação do que um jornal da era pré-televisiva. A televisão trouxe mais proximidade para a informação impressa. Na realidade, a nível da informação histórica se reduziu ao "aquém", quando, contudo, como, mesmo como, ideário é incompleto, pois falta a rigor que é o porque não se repete. É sempre novo, original, nascido da própria necessidade do processo, a realidade interior de uma estrutura social que vai determinar o conteúdo do fato histórico. Em ciências exatas — não sei por que os cientistas naturais insistem em serem chamados de exatos — as suas leis não são estáticas — o fato lá é todo o acontecimento científico. Um elétron gira numa órbita e conhece esta órbita e seu nível de energia — é um conteúdo científico. Em ciências humanas o fato não é sendo a aparência da realidade — um pé que morre de cólera pode ser uma criança de milhares de bangalês — morrendo de cólera certamente dá um conteúdo científico. Mas não a cólera de milhares, nem a cólera de um — é um fato histórico registrado. Na realidade a história é um jogo onde termina a história.

Agora, o PatoMacho publica seus documentos secretos sobre o envolvimento americano no Vietnã, e, pelo menos os do Pato são originais — como você vai ler na carta de Johnson a madame Cao Ky. Isto é, nossos documentos, por nosserem da inventiva trônica do Luiz Fernando, do José Onofre e do Eloy Terra, são originais na medida em que importam a um jornal. São furos. Fortificados ou não, são notícias. Os documentos publicados pelo New York Times e outros jornais americanos não trouxeram novidade alguma ao nível de acontecimentos e não são, ainda, textos revisados de caráter científico, mas são, isto sim, documentos que tornam possível a investigação histórica, a elaboração objetiva e científica de uma história do envolvimento americano no Sudoeste da Ásia.

Um documento publicado mais recentemente no Sun-Times de Chicago é exemplar neste sentido. Quem não sabia que a queda do ditador Dinh Diem aconteceu no Caso Branco? Quem — medianamente informado — para isto, basta ler O Estado de São Paulo diariamente — não sabia que Kennedy determinou a queda e o martírio de Willie G. Vietnamita? Então, quem não sabe nada, pois até um homem como O. J. Simpson, como Sarin, Leno e Stollin e 55 os anarquistas de Chicago, os cachorros de um anilhado de São Paulo, que sempre foram conhecidos em muitas casas, tais como a casa de se ver, ele, a pessoa pela estrutura trônica catana, e colada, isto é, um Nelson Rodrigues qualquer. As pessoas gostariam que seus esquemas funcionassem e se cegam para que eles possam funcionar pelo luso.

A história é dialética. Se Sartre parece saber disto. Todo o raciocínio em blocos — oh! que saudades que eu tenho do Paulo Francis — significa um julgo analítico, um apêndice crítico, isto é, cético, um arrancar da realidade. Precisamos destruí-la como um "Atto do pensamento" até se atingir uma síntese hipotética, que inclua os blocos demolidos, mas que não se resigna a eles nem às suas rigidezes que fabricamos para o uso do mapa. O intelectual é aquele que não tem dúvida, toda a realidade é um jogo, uma pedra de sua construção, ao contrário, é a que se duvida da realidade, usando criticamente suas pedras. Mas as pessoas — mesmo os inteligentes e sobretudo intelectuais, como Sartre — preferem ocultar verdades em blocos. A dolorosa tarefa de ganhar verdades é decepcionante para quem está acostumado a enxergar tudo branco e tudo preto. A situação real da história é a luta política trônica entre o luso e o inglês, política que sempre possui



VIAGEM MUITO LOUCA

Jefferson Barros

Esta consciência é inundada de certezas fatuais, certezas que determinam todas as dúvidas; e que apavoram aqueles que não sabem respirar a liberdade. E a liberdade quer dizer insegurança, inclusive intelectual. Uma coisa é o New York Times publicar informações colhidas em fontes oficiais, outra é o New York Times publicar documentos oficiais, principalmente quando estes confirmam o que eles. O que resta às pessoas sustentadamente cegas e presas às suas posições de blocos é a difícil e admirável honestidade buscada de um O Estado de São Paulo, cujos editoriais ainda não sabem bem a que escrever, ou a calorífica descurado de O Globo (The Globe) que chegou a afirmar, em editorial, que a atitude do New York Times compromete a liberdade de imprensa. Ora quem diria: The Globe (O Cafonão para os íntimos) preocupado com a liberdade de imprensa a querendo ensinar responsabilidade logo ao New York Times. No caso do Estado de São Paulo, a atitude é de uma liberdade de imprensa que alguns membros da esquerda não gostam quando Nikita dá um discurso no mesmo ano, oficialmente se denuncia os crimes de Stollin.

Acontece que não existem crimes de Stollin; como não existem crimes de Johnson ou McNamara ou Hiller. Existem crimes dos sistemas. O fácil, o escape natural, é atribuir terríveis deformações (como os stalinistas dizem até hoje) às pessoas, quando o responsável é uma estrutura inteira. A maioria silenciosa dos Estados Unidos e da URSS estão denunciados nos documentos — que apontam os crimes de uns de outros. E aqui, novamente, estamos diante da ironia da história: se os erros de McNamara não se tornassem num impasse militar — quase derrotado — no Vietnã, possivelmente a guerra não seria impopular nos Estados Unidos e não haveria uma minoria barulhenta; todos inclusive o New York Times — pertenceriam a maioria silenciosa e aplaudiriam Nixon, Johnson e até Agnew. Todas as forças de expressão: é evidente que gente como Norman Mailer — o Paulo Francis deles — continuaria a discordar. O que é bom, é saudável e democrático.

A derrota — do indivíduo ou da sociedade — é a fonte translúcida da consciência; e esta só pode fluir nos territórios com as margens pontilhadas de dúvidas. Revelações como a recente na imprensa americana ou a distante do XX Congresso são fechadas na medida em que nos sugerem a dúvida crítica em relação a qualquer estrutura social, que eliminam nossa tendência para reduzirmos a realidade a uma ética e — o que pior — a um ética western, onde sempre se sabe quem são os mocinhos e, sobretudo, quem são os bandidos. A história é um filme sem mocinhos e habitada por interesses em conflito. O difícil mesmo é nos situarmos e encontramos nossos aliados. Possivelmente me parece que se há um lado lógico, o lado da liberdade humana. E este lado passa por muitos fronteiros que a estrutura democrática americana permite, seja na fabricação de uma sociedade, onde as oportunidades sejam mais amplas — como nos diversos movimentos sociais dos países subdesenvolvidos. Em todas as situações, a consciência é a fonte translúcida da consciência; e esta só pode fluir nos territórios com as margens pontilhadas de dúvidas.

a história é uma coleção de viagens muito loucas. Cujos destinos são: a) a esperança que carregamos no presente e que jamais se realiza; b) não ser em fragmentos dentro de estruturas mais ou menos rígidas. O que se precisa é que a estrutura seja menos rígida, mais flexível, não para chegarmos ao este distante e hipotético destino, mas para podermos carregar a aspiração deste destino dentro de nós em convívio com os outros a que é, afinal, a única forma de não perdermos a consciência e a amizade.

A publicação dos documentos sobre o Vietnã e todo o impacto causado é um destes fatores de flexibilidade do sistema que necessitamos. Porque — como em toda a viagem — é preciso que existam alguns sinais, por mais luminosos que sejam, de que estamos caminhando no rumo, que não ficamos sem destino. São estes sinais que nos desafiam e que alimentam nossas esperanças. E são estes sinais que deslumbram nossas consciências. Mas sempre resta uma certeza e só uma: a história é uma viagem muito louca, bicho.

CAPITÃO CRYS



RENO BRASIL



SERVIÇO



AUGUSTO PORTUGAL

OSWALD DE ANDRADE



Já está na praça o segundo volume das obras completas de OSWALD DE ANDRADE editado pela Civilização Brasileira junto com o Instituto Nacional do Livro. É a grande dentro em termos de literatura brasileira.

Esta série constará de 11 volumes, sendo que o primeiro, OS CONDENADOS, saiu em dezembro do ano passado. É ainda importante notar que a co-produção torna o preço tremendamente acessível, a qualquer bolso. E tenha em casa, pelo menos para não fazer feio, a obra do maior revolucionário da literatura nacional.

Ah, quase ia me esquecendo. Este que está agora nas lojas é o quinto volume, considerando a ordem cronológica. Nome: PONTA DE LANÇA (polêmica). Cr\$ 6,00.



Livros mais vendidos

OS SETE MINUTOS de Irving Wallace — ficção, editado pela Nova Fronteira. Cr\$ 20,00

MAMA LUCIA de Mário Puzo — ficção, lançamento da Expressão e Cultura. Cr\$ 18,00

O HOMEM SENSUAL por «A» Cr\$ 21,00, aproveitando a apreensão da mulher.

TERRORISMO EM CAMPO VERDE — 1938; — de Hélio Silva — lançamento na semana passada pela civilização Brasileira a Cr\$ 30,00. O 10º volume da série O CICLO DE VARGAS, o melhor histórico das atividades do Integralismo das atividades no Brasil.

LANÇAMENTOS

FILOSOFIA PERENE; de Aldous Huxley — Editora: Civilização Brasileira, Cr\$ 25,00 — O mesmo autor de «A ilha» e «Admirável mundo novo» agora com um ensaio sobre religião. Vale a pena conferir.

O PIRILAMPO NA CIDADE; de Donald Harrington — Expressão e Cultura, Cr\$ 15,00 — Uma estória com muito movimento que se desenvolve nos EEUU da década de 30. O amor de um menino por uma mulher de 40 anos. Muito sexo, humor e ironia. Divirta-se.

O QUE LUTERO REALMENTE DISSE; de Gottfried Fitzer — Civilização Brasileira, Cr\$ 25,00 — Histórico, abordando a vida e a atuação do religioso que em 1534 surge-se contra o monopólio do vaticano.

FILOSOFIA EM NOVA CHAVE; de Susana Lauger — Editora: Perspectiva, Cr\$ 22,00 — Esta editora até hoje só publicou coisas quentes. Se você se interessar pelo assunto compre e vá firme.

Serviço das lojas especializadas

LEONARDO DA VINCI — Salgado Filho 211 — Especializada em edições francesas, mas sem descurar dos lançamentos nacionais. Seu Edgardo, descendente direto de Pero Vaz, indica o livro do Hélio Silva, «TERRORISMO EM CAMPO VERDE — 1938» da Civilização Brasileira. O pagamento é em três vezes, e o L'Express e o Paris Mach estão sempre em dia.

COLETÂNEA — Largo dos Medeiros — Lá a pedida são as revistas estrangeiras. Você encontra «bruxarias» nos mais variados campos. Livros também. Paris Mach, L'Express e Time sempre na data. O jornal «ROLLING STONES» está no paulão da livraria. Tudo à vista.

LIVRARIA KOSMOS — Andaraes 1644 — Os livros quentes e o bom atendimento. Em baixo a seção de artes. Em cima revistas e livros estrangeiros com o seu Orçler. O Alexandre dá a dica: pros interessados em investimentos: «Jôgo Aberto» de Maurício Gibularis e «A Bolsa e a Bossa de J. Y. Chang Tong». Ambos por Cr\$ 18,00. Pagamento: entrada e mais três vezes sem acréscimo.

LIVRARIA DO GLOBO — Andaraes 1416 — A maior fatura de livros em pórtio. O pagamento é complicado mas vantajoso: de Cr\$ 15,00 até Cr\$ 100,00, 3 pagamentos sem acréscimo ou 6 com. Acima de Cr\$ 100,00, 4 vezes sem acréscimo ou 10 com. Dona Josefina indica «O Pensamento Artificial» de Pierre de Latil. Uma excelente introdução à cibernética que a Ibrasa lança em segunda edição por Cr\$ 17,00.

DO RIO

Marla Duha

QUEM EXCEDEU NO SEMESTRE

Cinema — ARNALDO JAIBOR

Autor de dois curtas metragens da pesada «O Circo» e «Opinião Pública», acaba de concorrer com um filme inteiramente diferente dos outros dois: «Pindorama». O filme faz uma fotografia de gênio. Para as pessoas que vivem «Saturno» do mestre Fellini, o filme de Jabor pode estar incluído no mesmo nível. Mesmo o filme não tendo sido classificado no Festival de Cannes acredita-se que no Brasil e no exterior o filme fará o maior sucesso.

Ator — CLÁUDIO MARZO

O Cláudio Marzo ator de novelas lá era. Surge agora um novo Cláudio cheio de boas maravilhosas no filme de Antônio Calmon: «Capitão Banguela» contra o Doutor Moura Brasil. O filme é excelente e está no elenco junto com Cláudio as atrizes: Dina Sfat, Suzana de Moraes, Sônia Braga, Maria Gladys e Norma Bengel. Mas como o filme é todo feito para ele, Cláudio mostra como representar sem ser tenso e contraído. Verdadeira aula sobre a arte de fazer cinema. Não deixem de assistir quando o filme pintar por aí.

Televisão — MARLOS ANDREUCCI

O entusiasmo de Marlos Andreucci pela nova TV Record; EXCEDE. Ele já foi câmera de televisão no Rio Grande de Sul e no momento foi convidado para ser diretor geral das novelas da Record. E ele que é considerado o melhor diretor de TV do Brasil, depois de seu trabalho em Verso Vermelho e Chico Anísio Especial. A turma da pesada está torcendo por ele, pois Marlos é o único diretor de TV que tem capacidade e sensibilidade para mudar e melhorar os esquemas das novelas.

Atriz — MARIA CLÁUDIA

Só fazem dois anos que começou a trabalhar como atriz. Para o que não acreditavam nela, agora surge como a melhor atriz de teatro da temporada encenando a peça «O Camarada Moussov», peça russa em cartaz no Copacabana Palace. Sem dúvida será escolhida como atriz do ano de 71. E ver para crer o desempenho e a versatilidade de Cláudia tanto no teatro como na novela «Minha Dóce Namorada».

Música — GILBERTO GIL

Mais uma vez confirmado: Gilberto Gil é gênio mesmo. Seu último disco está de péssima. Depois de andar pela África com Julinho Bressane ele voltou para Londres e gravou esse excelente LP que acaba de ser lançado no Brasil. Gil conseguiu fazer música pop, usando somente um violão e sua voz, que está muito menos agressiva e muito mais sonora. Sente-se que ele curtiu demais o disco. Quem viver verá Gilberto Gil estourar mais uma vez nas paradas.

Uma aventura do Capitão Metsuian

OU DE COMO ISRAEL FOI ROUBADO.



Vários fatores foram invocados para explicar a vitória de Israel na Guerra dos Seis Dias: tecnologia superior, tática de «blitzkrieg», moral elevada do Exército, etc. Será esta toda a verdade? Algumas pessoas dizem que não; e sussurram apenas um nome: «Capitão Metsuian».

Figura lendária, misterioso Capitão Metsuian tem força de personagem de barba ruiva, o bigode, a sabedoria de Salomão, a persistência de um «cientista» (vendedor de prestação) em Israel — e no Oriente Médio, e no mundo — a possuir um «Phantom» particular, e por isto seu avião é negro e sem emblemas. A noite, apenas um ruído rugir no céu tenso do Levante anuncia que Metsuian não dorme — vigia.

Metsuian! Nixon teria abandonado Israel à sua própria sorte, não fásse uma conversinha com Metsuian. Metsuian não estava alheio ao caso das canhoneiras de Cherburgo — Metsuian, de que se diz ter roubado a cabeça do Esfinge, o coroa do Rei Hussein e trinta quilômetros de canos de um oleoduto no Iraque. Mas Metsuian também ceifa mais trigo com uma foice quebrada do que dez combinadas trabalhando dia e noite. Isto, em tempo de paz. Quando as nuvens da guerra descem sobre a região, a situação é outra...

Junho de 1970. A conjuntura do Oriente Médio está mais explosiva do que nunca. Informações errôneas chegadas ao Serviço Secreto egípcio anunciam para breve um ataque israeli. O Egito resolve atacar primeiro; recebeu da União Soviética foguetes com ogivas atômicas e decide recorrer às armas nucleares antes que Israel o faça. A data já está marcada: meia noite do dia 5 de junho.

Avistado, Metsuian, decide entrar em ação e o fará com seus próprios meios — que o Governo nem sempre aprova. Mas não há tempo para consultar o Governo. Metsuian tem de agir prontamente.

Com a ajuda de um amigo, cientista da central atômica de Dimona, o Capitão Metsuian obtém suas próprias cargas nucleares. Nos dias 4 e 5, o Capitão é visto em vários pontos ao longo da fronteira, transportando misteriosos volumes.

O Capitão bloqueia pequenas cargas atômicas em subterrâneos ao longo das fronteiras, e também na rede de túneis e cavernas naturais que, partindo do Mar Morto, se estende por baixo de todo o território de Israel, dezenas de metros abaixo da superfície. Arqueólogo amador, o Capitão conhecia perfeitamente este complexo subterrâneo. À meia-noite do dia 5 os foguetes de ogivas atômicas emergem de suas rampas de lançamento, perto de Alexandria, os focinhos pontegudos visando as grandes cidades de Israel. A contagem regressiva se inicia e terminará em poucos segundos.

Mas Metsuian está pronto para agir; de seu «Phantom» aperta o botão que opera por controle remoto o detonador das cargas atômicas nos subterrâneos. A surda explosão que se segue passa, despercebida.

A maioria da população dorme; poucos se dão conta de que algo estranho está se passando.

Uma fenda gigantesca abre-se ao longo de toda a fronteira do país, como se uma faca gigantesca estivesse cortando a terra. Ao mesmo tempo nos subterrâneos, a explosão ocasiona a formação de um gigantesco plano de elevação, de modo que toda a porção da crosta terrestre, sobre a qual está o Estado de Israel, desprende-se do continente, flutua sobre o Mediterrâneo como um navio, e, levado por uma brisa que enfuma o velame colado pelo Capitão nas montanhas mais altas, desloca-se para oeste à vinte nós por hora até encontrar uma plataforma submarina sobre a qual ficou firmemente encaixado.

De seu avião, o Capitão Metsuian vê os foguetes egípcios, disparados no momento exato viajarem pelo espaço e caírem nas águas já tranqüilas do Mediterrâneo, sem explodir. Os oficiais egípcios encarregados da operação não escondem sua perplexidade.

Pela madrugada, um numeroso grupo do «Fatah», ao tentar transpor a fronteira para atacar um «kibutz», cai n'água; e pela manhã, os soldados egípcios no Canal de Suez notam que a margem antes ocupada por Israel está deserta. Soldados veículos e até bandeiras tinham desaparecido. O oficial encarregado atreve-se a enviar ao outro lado uma patrulha.

Esta volta com a notícia de que os israelenses tinham sumido como por encanto. Aviões sobrevoam todo o Sinai e confirmam: não há mais israelenses na zona.

(Durante a madrugada o Capitão Metsuian tinha providenciado a evacuação dos soldados usando, desde pequenos pesqueiros, até os canhoneiros de Cherburgol.)

A mesma surpresa tem o Rei Hussein na margem ocidental do Jordão e os sírios nos altiplanos do Golan; não há mais israelenses nos territórios ocupados. Aos poucos, milhares de árabes — soldados, civis, governantes — vão se aproximando da fronteira; chegam em aviões, automóveis, veículos militares; em lombo de camela e a pé; multidões se comprimem da linha que custara tantas vidas.

Um sol esplêndido brilha sobre o Mediterrâneo, o mesmo sol que meia hora mais tarde despertará os israelenses para o que eles pensavam ser um «shabat» normal. Os primeiros a se dar conta da situação são os habitantes de um «kibutz» da fronteira que imediatamente se comunicaram com o governo, reclamando que a água do mar iria salinizar as plantações. Gailo Meir logo descobriu que se transformou em Primeiro Ministro de uma ilha; convocou o gabinete e manda chamar o Capitão Metsuian. Em poucas palavras o Capitão explica a sua façanha. Rapidamente a rádio e os jornais põem a público a par da situação.

As reações não tardam. Alguns destacados sionistas argumentam a remoção do povo da ilha de seu lugar histórico, pedindo a uma solução tipo Uganda ou Birobidjan; e, neste sentido, concudados por um número de membros do partido.

Moacir Ha' também opiniões favoráveis. Ben Gurion dá uma entrevista aos jornais sugerindo a drenagem do Mediterrâneo (o exemplo do Holanda), ou a criação de estabelecimento de colônias agrícolas submarinas; especializadas na criação de peixes, cultivo de plântons, etc. Por outro lado, o Ministro do Turismo lança a campanha: «Visite Israel: Mar a Norte, Sul, Leste, Oeste». «Israel, a ilha encantada do Mediterrâneo — diz a propaganda.

Do outro lado do mar as reações não são menos intensas. No Egito circulam boatos de que Israel foi literalmente desintegrado; a imprensa chega a dar notícias a respeito. Contudo, pelas dez da manhã chega a Alexandria um torpedeiro egípcio, cujo capitão declara, excitado: «Israel está no Mediterrâneo! Passei lá agora mesmo!»

Os comunistas também não estão satisfeitos. «Esta aproximação com o Ocidente é intolerável» — declara um líder do «Rokah» (um dos dois partidos comunistas de Israel). Os velhos comunistas, por outro lado, lembram que a União Soviética também está mais perto, e no fundo de seu coração acalentam a esperança que sobre sobre Israel a brisa do socialismo em lugar do «hamsin» da reação.

Do ponto de vista político, os mais contrariados são os partidários do «Grande Israel», movimento visando dar ao Estado de Israel as fronteiras mencionadas na Bíblia; acusam Metsuian de alta traição por não ter trazido junto, pelo menos, a Jordânia.

Uma reclamação diferente — de caráter trabalhista — parte do forte Sindicato dos Marítimos que ingressa na justiça com uma reclamatória por ter Israel navegado pelo Mediterrâneo sem que os homens do mar fossem consultados. Ao mesmo tempo desencadela um greve selvagem — declara a federação Geral do Trabalho.

Ha'

também opiniões favoráveis. Ben Gurion dá uma entrevista aos jornais sugerindo a drenagem do Mediterrâneo (o exemplo do Holanda), ou a criação de estabelecimento de colônias agrícolas submarinas; especializadas na criação de peixes, cultivo de plântons, etc. Por outro lado, o Ministro do Turismo lança a campanha: «Visite Israel: Mar a Norte, Sul, Leste, Oeste». «Israel, a ilha encantada do Mediterrâneo — diz a propaganda.

Do outro lado do mar as reações não são menos intensas. No Egito circulam boatos de que Israel foi literalmente desintegrado; a imprensa chega a dar notícias a respeito. Contudo, pelas dez da manhã chega a Alexandria um torpedeiro egípcio, cujo capitão declara, excitado: «Israel está no Mediterrâneo! Passei lá agora mesmo!»

2 Locais onde foi proposta, respectivamente pela Inglaterra e pela URSS, a criação de «estados judaicos». Ambas as experiências fracassaram.

Uma reformulação que logo se impõe é a do slogan «Israel, ponta-de-lança do imperialismo no Oriente Médio», já que Israel já não está mais na região. Alguns «experts» em comunicação sugerem substituir «Oriente Médio» por «globo terrestre»; outras que Israel é um caso perdido e que é preciso voltar-se para outros pontos-de-lança do imperialismo: Jordânia, dizem alguns, Líbano, segundo outros.

Na ONU, a União Soviética protesta contra mais este «ato de pirataria» de Israel. Na mesma hora o iate de Onassis choca-se contra os escolhos de Rosh Hanikra, no norte de Israel; acordado violentamente, Onassis manda chamar o capitão. «Chocamo-nos contra uma ilha que não consta do mapa» — explica o capitão. «Compre-nos» — diz Onassis sonolento — «e tirem-nos do caminho. Mas pelo amor de Deus não me acordem deste jeito».

Em Jerusalém, às onze da manhã, os «Naturei Karta» — fanáticos religiosos — rezam junto ao Muro e nas sinagogas. Pedem a Deus não a vinda do Messias, mas sim a volta de Moisés — para abrir as águas do Mediterrâneo como fizera com as do Mar Vermelho. O povo, porém dança nas ruas; em todo o país a alegria é geral; por ter Israel escapado ao perigo.

Em uma pequena vila de Jordânia há a guém triste. É a linda Fátima, a namorada secreta de Metsuian. De sua janela ela olha a mar e suspira tristemente.

«Metsuian Metsuian, quando te verei novamente?»

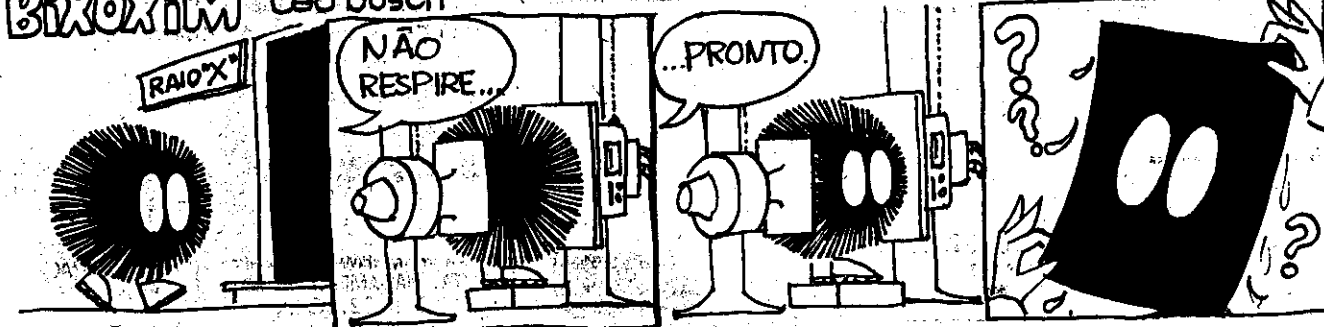
Por um pombo correio envia ao Capitão uma comovedora mensagem, pedindo que «ele volte».

O Capitão não é de ferro. Enternece-se até as lágrimas. Mas em seguida os turbinas de seu cérebro se põem em movimento:

«Vejamos — murmura — se eu cavar um túnel sob o Mediterrâneo...»



BIXOXIM tea busch



O PAO TAMBÉM REVELA SEGREDOS DO PENTÁGONO!



— Maleduck — disse o homem — my name is Maleduck... Um tio baixo, gordinho, alguma coisa entre Sidney Greastack e Peter Larre, vestindo um terno marrom amarelado e uma gabardine cinza de boa qualidade, mas muito suja.
— Take me to your leader, please...
Mantinha uma das mãos, sugestivamente, no bolso. Na outra segurava uma pasta. Sua-va. E tremia um pouco.
A secretária encaminhou-o para uma sala lateral e foi avisar-nos.
— Parece suspeito — disse Harry Sabugoso. E de imediato foi procurar uma tigger que

ganhou de Frank Sinatra e seu impermeável a Humphrey Bogart. Preciso estar à altura da situação — disse Harry. Mas J. Sorei antecipou-se:
— Só uma alma napoleônica pode enfrentar um galho desta ordem. Assentimos em silêncio e Soren conferenciou com o Estranho Homenzinho, em voz cava e sussurros, durante meio hora. Quando acabaram o homenzinho saiu, ainda mais nervoso. Olhamos da sacada. Um oldsmobile negro o esperava e uma mão feminina, enluvada de negro, abriu-lhe a porta. Mas Harry afirma ter visto, Não enxergamos mais nada, quando o carro dobrava a es-

quina entre batedadas de chuva, a ocupante do volante. Era Verônica Lake.
O homenzinho entregou-nos documentos para a publicação. Ao ler o conteúdo hesitamos, excitados. Mas a maioria achou que era nosso dever trazer a luz do dia e às páginas do facto, toda a verdade. E-la aqui.
Este é apenas um dos documentos de uma série de 7, que publicaremos a seguir. Caso o Dr. Breno e o Maurício estejam interessados, procurem nosso diretor comercial. Trocamos pelo Correição. Ou pelo prédio da Ipiranga.
(d) a direção

MEMORANDO INTERNO FPO0173-NB
CONFIDENCIAL/ARQUIVE SOB "TOP SECRET" DEPOIS DE LER
DE: General Scratchit
PARA: Chefe de Segurança Interna
Bob:
Fui informado de que o Tenente Whodunit, que tinha a combinação do cofre do Pentágono costurada na parte interna do seu boné, perdeu o boné. Isso pode ser grave. Favor investigar. Que tal um martini depois do expediente? Um abraço

Bill

PRONTO, DESAPARECEU O DOCUMENTO!



MEMORANDO INTERNO FPO0176-NB
SUPER-SUPER-CONFIDENCIAL/QUEREM E JOGUE NO MAR ANTES DE LER
DE: General Scratchit
PARA: Chefe de Segurança
Bob:
E como vou abrir o cofre? Só o Tenente Whodunit tinha a combinação.

Bill

MEMORANDO INTERNO FPO0109-FB
CONFIDENCIAL/ARQUIVE SOB "TOP-TOPI SECRET" DEPOIS DE LER
DE: Chefe de Segurança
PARA: General Scratchit
Bill:
A coisa não é bem assim. O Tenente Whodunit mandou seu boné para a lavanderia e recebeu de volta sem o número da combinação. Estamos investigando. Adoraria um martini. Retornei aí depois das cinco. Um abraço

Bob

MEMORANDO INTERNO FPO0112-FB
SUPER-SUPER-CONFIDENCIAL/QUEREM E JOGUE NO MAR ANTES DE LER
DE: Chefe de Segurança
PARA: General Scratchit
Bill:
115-219407.
Bob

MEMORANDO INTERNO FPO0174-NB
SUPER-CONFIDENCIAL/QUEREM DEPOIS DE LER
DE: General Scratchit
PARA: Chefe de Segurança Interna
Bob:
Não era, por acaso, uma lavanderia chinesa? Dê uma olhada no "New York Times" de hoje. Estão publicando tudo que estava no cofre! Sem que eu descobrisse daquela faxineira que andava fazendo a volta do cofre, ontem. Ela tinha calças de homem enroladas debaixo do avental, uma credencial de jornalista no chapéu e barba de dois dias. Bequeça o martini.

Bill



ASSIM NÃO É PARA TRABALHAR, PÉ.

MEMORANDO INTERNO FPO0177-FB
SUPER-SUPER-CONFIDENCIAL/QUEREM ANTES DE RECEBER
DE: General Scratchit
PARA: Chefe de Segurança
Bob:
Essa é a combinação?
Bill



FOI VOCÊ QUE PEGOU!

MEMORANDO INTERNO FPO0113-FB
SUPER-SUPER-CONFIDENCIAL/QUEREM ANTES DE RECEBER E MATE O MENSAGEIRO
DE: Chefe de Segurança
PARA: General Scratchit
Bill:
Não, é o telefone do "Times".
Bob

MEMORANDO INTERNO FPO0110-FB
SUPER-CONFIDENCIAL/QUEREM E FISEM EM CIMA DEPOIS DE LER
DE: Chefe de Segurança
PARA: General Scratchit
Bill:
Não compreendo o seu mau humor. Um simples lapso de segurança não justifica uma briga entre amigos. Porque não tomamos o martini e discutimos o assunto?
Bob

Bob



FOI VOCÊ? EU NÃO FICO BRABO

MEMORANDO INTERNO FPO0175-NB
SUPER-CONFIDENCIAL/QUEREM E FISEM EM CIMA DEPOIS DE LER
DE: General Scratchit
PARA: Chefe de Segurança
Bob:
Impossível. Minha nova receita de martini também estava no cofre. Que isso fique entre nós dois.
Bill

Bill

MEMORANDO INTERNO FPO0111-FB
SUPER-SUPER-CONFIDENCIAL/QUEREM E JOGUE AS CINZAS AO MAR DEPOIS DE LER
DE: Chefe de Segurança
PARA: Chefe de Segurança
Bill:
Acabei de ler tudo que o "Times" publicou e não vi nenhuma referência à sua receita de martini. Acho que não temo porque não preocupar. Afinal, os documentos só comprometem os Democratas. Insiste no martini. A receita deve estar no cofre.
Bob

Bob

ESTÁ BEM, ABREU A BRINCADEIRA. PENSEI TUDO AS SUAS MÃOS SAI DO TUDO ATÉ ME DEVOLVEREM A LER QUE EU IA ASSINAR CONTRA O ROUBO DE DOCUMENTOS DO GOVERNO.



DÊ UMA DE BOM!

NESTA SEMANA
PEGUE SUA GATA E VÁ CURTIR UM TREMEM DO FILME NO PARK AUTO CINE. LÁ TEM CERVEJOTA, HOT DOB, BATATINHAS, HAMBURGER, ENFIM TUDO AQUILO QUE SE PODE DESEJAR... E ASSISTA
A CONQUISTA DO OESTE
UM ÉPICO CLÁSSICO DO BANG-BANG

PARK
AUTO CINE

NA FAIXA DE IPANEMA EM FRENTE A AAMPA. DIARIAMENTE SESSÕES ÀS 20,30 E 22,30 H.

AOS DOMINGOS, SESSÕES INFANTIS A PARTIR DAS 18,30 H COM DISTRIBUIÇÃO DE BRINDES.

perfeita periférica muito boa. E a torcida vibra. Então o Bráulio aparece no jogo. Mas atuação dele é catatônica para o treinador. É muito bonito do ponto de vista visual. Agora, eu faço futebol com números, com estatísticas, com realidade. Eu fiz do futebol do Internacional um futebol feio, não tem dúvida. Feio como o futebol do Fluminense também, e o Fluminense é campeão carioca, campeão do Robertão. O Botafogo estava com 4 pontos na frente e um time de fôlego, o Fluminense foi lá buscar o campeonato. Querem um futebol bonito? Eu também gosto. Mas então me deem um Gerson, um Rivellino... Jogadores que jogam um futebol bonito, mas produtores. Com os jogadores que eu tinha para o meu futebol, eu estava supersatisfeito. Porque eu não implantei o futebol do Dalmo Meneses. Eu implantei o futebol real do plantel do Internacional. Todo mundo queria que o Internacional jogasse o futebol do Bráulio. Não seria mais fácil o Bráulio jogar o futebol do Internacional? Um futebol que deu um bicampeonato? No campeonato passado nós tomamos um gol só: Ficamos invictos, perdemos quatro pontos em casa, pontos perdidos não para o adversário mas para a torcida. Por que no Interior era diferente? A gente ganhava de um a zero mas não interessava, ganhava. Eu dizia para eles — pode botar aí no Pato Macho — eu dizia que eles é que tinham que sentir que tem um time valente ali, um time macho ali. De cara, nós é que vamos dar paulada. Porque não demora os irmãos Pontes vêm e dão no pescoço! Então de cara nós vamos dar nos Pontes. (Para o Gainete). Não era assim que nós jogávamos? Dentro da realidade do futebol gaúcho.

ONOFRE — Você acha que esse futebol que o Dino e o Otto estão tentando implantar está dentro da realidade do futebol gaúcho? Porque eles têm uma concepção de futebol diferente da sua.

DALTO — Eles podem provar que tem mais de uma maneira de chegar ao título.

WERNER — Mas Onofre, o time do Internacional que jogou hoje está muito mais próximo do time de Dalto do que do time do sr. Hugo Amorim.

COI — O Hugo Amorim não é técnico.

DALTO — Vai dizer isso pra ele... (Risos). Mas a eu acho que nunca vai jogar o time do sr. Hugo Amorim porque o Dino Saní é um rapaz de personalidade. Ele é não é trouxa.

COI — E se jogasse o time do Amorim, como é que seria o jogo.

DALTO — Bom, se jogasse o time do Amorim seria aquela história dos 4 a zero. Ele deve ter se babado de satisfação quando levou 4 no Grenal. É o masoquismo total.

WERNER — É o tipo do time que o adversário só pega quatro vezes na bola e ganha de cinco a zero, porque eles levam quatro e ainda fazem um contra. No Gremio a torcida não gostava muito do Juarez.

DALTO — A torcida nunca gostou de ganhar campeonato.

WERNER — E a Foguinha dizia o seguinte: o dia que a torcida ganhar bicho, ela vai gostar do Juarez.

COI — Dalto, se você tivesse o Alcindo no time o ano passado, você mandaria ele jogar como?

DALTO — Na frente. Buscando um pouco atrás, partindo em velocidade, jogando um pouco mais sem a bola.

COI — E entre Claudomiro e Alcindo?

DALTO — Bom, seria difícil. Mas os dois nunca jogariam juntos. Porque ali tem que entrar um rapaz chamado Sérgio, sempre.

RUI — Falando em Sérgio...

DALTO — Quanto ao Sérgio, só tem uma resposta. Só tem um problema. O Sérgio não pode ficar no mesmo time que tem o Bráulio. Todo mundo achava que os Mandarins odiavam o Bráulio. Não odiavam. Eles sabiam que a simples presença do Bráulio prejudicava a atuação de um dos maiores jogadores do Brasil. O dia que tirarem o Bráulio de perto do Sérgio, que o Sérgio se sentir seguro... Porque não adiantava eu dizer para o Sérgio que ele era titular. A torcida não aceitava isso. Valava o jogador. Então, o problema do Sérgio se chama Bráulio.

(Nota importante, talvez histórica neste ponto o dr. Werner Becker pede uma Coca Cola).

COI — O Otto Glória, numa entrevista que fez para nós, disse que o futebol que se jogava aqui era covarde, e deu como exemplo aquele jogo do Internacional contra o América no Rio, em que você, Dalto, tirou o Claudomiro e botou o Tovar.

DALTO — Mas eu poderia criticar ele por ter escalado o Tião Quele, hoje. Bateira por bateira, esta foi maior. Agora o problema, contra o América, e que o Claudomiro se demitiu do jogo, e eu só tinha o Tovar para botar.

COI — A alegação do Otto...

DALTO — É, o Otto Glória faz muito comentário sobre colega dele. Quando ele chegou aqui ele começou a analisar a equipe do Internacional. Aí eu dei-lhe uma paulada e ele parou. Eu vou começar a angli-

sar agora as patlhogadas que ele anda fazendo, também. Por exemplo, Tião Quele. Não preciso falar mais. Estreou num Grenal o Tião Quele. O que é isto? Tou metendo o pau tranqüilo porque eu acho que falta de qualquer sentido de ética, ou o seja, porque esse cara gosta de comentar outros treinadores, e não o olhar as próprias mancadadas. Nós estamos empatados. Jogamos quatro vezes, ele ganhou duas e eu ganhei duas. Se ele é adepto do futebol ofensivo, por que botou o Chamaço, hoje? Por que ele jogou na Copa do Mundo com o meia esquerda dele em cima do Pelé, demolindo o Pelé o pau? O Coluna? Hoje ele quis dar uma de bacana. Entrar jogando na frente. Mas se ele não reformula tudo que tinha pensado... A gente pensa uma semana antes de colocar uma equipe em campo, pra fazer uma modificação tem que pensar em cinco minutos. Quer dizer, em cinco minutos chegou a conclusão que o que pensou a semana inteira estava errado?

SABINO — O Dino Saní nos disse que o técnico consegue 30 por cento de um jogo. O resto o jogador faz dentro do campo.

DALTO — O Dino Saní tem uma concepção mais de jogador, porque ele é mais jogador do que treinador. Ele ainda é um aspirante a treinador. Está começando. Vão para cá para conseguir um título para ilustrar a carreira dele. E pode, tem todas as condições.

RUI — Dalto, na tua formação como treinador de futebol, quais foram as grandes influências que você sofreu?

DALTO — Praticamente me criei no campo do Renner. Foi juvenil. Era um mau jogador. Depois fiquei doente, houve uma série de coisas. Mas sempre observei bastante. O trabalho do Selviro, por exemplo, que é meu amigo. Também observei muito o Abílio Reis. Eu fiquei um ano trabalhando dentro do Grêmio, em 1959, e trabalhei com Arthur Vienna e Silva, irmão do Aparício, um excelente entendedor de futebol. Em termos mais positivos, a influência de um treinador, que eu senti, foi a do Foguinha. Depois da sua viagem à Europa com o Cruzeiro, Foguinha foi para o Gremio e modificou a concepção de futebol aqui no Rio Grande do Sul. Foi o primeiro a ouvir contar o gol.

RUI — Eu entendo que o Foguinha foi, historicamente, o mais importante treinador que nós tivemos aqui.

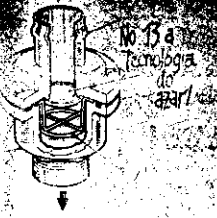
DALTO — Também acho. O que o Foguinha aplicou em 55 é o que hoje se chama futebol moderno.

RUI — E qual é a sua concepção do futebol moderno?

DALTO — Primeiro não tomar. Depois tentar fazer.



IPIRELA
JOVEM COMO
VOCÊ!



SERVIÇO

Geral da Província

José Onofré

Recomendei «El Condor», do John Guillermin, na semana passada, mas ainda não havia visto o filme. Recomendei porque Guillermin havia feito um bom trabalho em «Crepúsculo das Águias» (The Blue Max) e «Não Importa Que Morram» (House of Cards) e um ótimo trabalho em «Uma Nova Cara no Inferno» (P.J.). Depois realizou «A Ponte de Remagem» e não se saiu muito bem. Mas ficou a impressão de que ele poderia se sair bem novamente.

«El Condor» não é um bom trabalho. Havia uma boa história, mas os roteiristas não conseguiram retirar os clichês e com isto os personagens do General Chavez, do apache Santana e da jovem Claudine, perdem estatura e força, quando confrontam-se com a

massa física de Jim Brown e a expressiva máscara de Lee Van Cleef, simplesmente desapareceram. Com esta diluição dos personagens de apoio, o duelo se esvai. E a crise, o combate, a febre, enfim a tensão motivadora do filme, ficam entregues apenas ao movimento de câmara, a expressividade do décor, ao talento de Guillermin, que nem é tão grande assim. Resumindo: o mau roteiro destruiu um dos pólos do conflito dramático (Chavez, Santana, Claudine) e Guillermin não pôde fazer mais nada além de narrar com razoável rigor (não mais que razoável) uma aventura louca o bastante para assediar a grandeza, mas desporelhada demais para conseguí-la. E ficamos em mais um western que trata da loucura, mas sem lucidez e sem paixão.

CINEMA

O «horse-opera» de Leone já chegou!

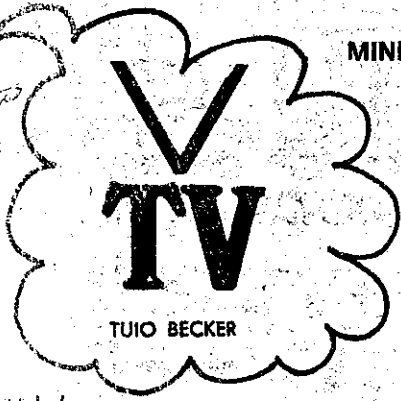
Amanhã, entra «Era Uma Vez No Oeste...», o famoso western que Sergio Leone realizou nos Estados Unidos. O filme tem Claudia Cardinale, Charles Bronson, Henry Fonda, Jason Robards, Gabrielle Ferzetti, Woody Stroude, Jack Elan, a música de Ennio Morricone, a fotografia de o Monument Valley (cenário dos melhores Ford e Walsh), o 70 mm, o Baltimore-Cinerama e toda a mitologia do gênero. Quem viu? Glauber Rocha achou genial pelo barroquismo; Geraldo Mayrink, da Veja (mais frio) encara como uma viagem de Leone aos mitos que motivaram sua infância (e a nossa, claro); John Sturges diz que «Leone não entende a poesia do western». Que dizer-mais? Cá pra mim, o filme é uma tentativa de fazer a «Recherche du Tempe Perdu» por entre cow-boys, índios, prostitutas e cavalos. Vi os outros Leones («Por Um Punhado de Dólares», «Por Uns Dólares a Mais» e «Três Homens em Conflito») e acho que ele é «kitsch». Isto é, não consegue transformar o cotidiano ou a mitologia em poesia de primeiríssima qualidade.



NÃO DÓI TANTO QUANDO EU RIO...

* No Vogue está o «M. A. S. H.», que foi escolhido pelo pessoal daqui o melhor filme da temporada passada. Ácido, crítico, duro, inteligente e radical como o «MAD». Quem não viu, deve ir em seguida. Quem já viu pode dar outra chegada que vale a pena. A direção é de Robert Altman e no elenco tem Elliot Gould, Donald Sutherland, Sally Kellermann e Robert Duval.

* E no Vitória volta um Jerry Lewis dirigido por Frank Tashlin: «O Detetive Mixurucas». Algumas das seqüências básicas da nova comédia americana já estão ali, na mise-en-scène inteligente e no talento sem limites de Jerry.



MINHA DOCE NAMORADA

Inicialmente a idéia era repetir na televisão o batido sucesso de «Love Story». Mas a história do filme era impraticável na televisão, pois a mocinha teria que morrer no final, e de leucemia. Então a direção do Globo ficou num impasse: Como matar a heroína da novela? A solução foi facilmente encontrada, chamaram Vicente Sesso, autor de Pigmalão '70, que fez uma

adaptação medíocre da história não menos medíocre de Erich Segall.

A novela foi criada para ver se melhorava o IBOPE das sete horas que não andava muito bom. Para tanto, Daniel Filho usou o mesmo ingrediente que já tinha funcionado na novela das oito horas. Os ingredientes são o Cláudio Marzo e Regina Duarte.

Cláudio Marzo (Renato) e Regina Duarte (Patrícia) se conhecem em Ouro Preto, onde Cláudio cursa a Faculdade. É claro que Patrícia é bonita, boa e pobre, e Renato é rico, bonito e não tem bons princípios. Como só acontece os dois se encontram, se apaixonam, e passam a novela inteira separados por esse amor impossível, só indo se encontrar nos últimos capítulos.

Fora esse transe principal, que gira em torno desses dois do IBOPE, ainda existe um transe secundário onde aparecem Mário Lago, que mais uma vez seguirá sua sina representando um capitalista, Vanda Lacerda, Célia Biar, Maria Cláudia e mil outros

adjuvantes que estão lá defendendo um cachezinho.

A novela já é sucesso apesar de ser uma novela chata, burra e medíocre. A Globo tem um aparato de publicidade tão grande que antes mesmo da novela entrar no ar já tem garantido pelo menos 40% do IBOPE.

É um verdadeiro crime o que estão fazendo com as cucas da Classe C, como a Globo está sozinho no mercado, ela usa e abusa da paciência das pessoas que percebem um embuste intelectual que são suas novelas. É como televisão ainda é a divórcio mais barato a pobre classe C já não tem mais escolha, pois cada dia está mais massificada. Não dá para entender como é que a Globo tendo todos os recursos técnicos e financeiros para fazer uma produção em outro nível intelectual ainda cusa, no ano de 71, em plena era do Aquário, ludibriar os pobres domésticos brasileiros que têm como único objetivo de vida um other

TV GERAL:

Às 20h, dia 30, tem «A Rua do Crime» (Crime in the Streets) famoso «thriller» de Don Siegel na primeira fase; E com John Cassavets, a boneca Sal Mineo, James Whitmore e Mark Rydell (que dirigiu «The Fox»).

Às 22h, dia 19, à meia-noite, uma enxuta internacional modelo 1943: «Garras Amarelas» (Across the Pacific), dirigida por John Huston e interpretada por Bogart, Mary Astor e Sidney Greenstreet.

Às 23h, dia 4, domingo, depois das onze, «Presente de Grego» (Surprise Package), uma alta comédia de Stanley Donon com um elenco terrível: Yul Brynner, Buzi Gaynor, Noel Coward.

Às 23h, dia 6, terça-feira, «Fúria Sanguinária» (White Heat), o melhor «serie negra» de Raoul Walsh, com James Cagney, Virginia Mayo e Steve Cochran.

Tudo no Canal 12, é claro.

MARIA DUHA

EXTRA

"GRÊMIO PERDEU PARA A FEDERAÇÃO"

LUIZ FERNANDO — A gente quer saber alguma coisa sobre os bastidores do jogo.

WERNER BECKER — O maior participante do jogo foi o Gainete. Se vocês quiserem um pouco da interioridade do jogo, em termos de repórter do Pato Macho, eu posso dar algumas coisas que até podem ser primárias: O histórico da semana do grenal visto por um repórter gremista. Eu acho que o grenal decidiu-se, talvez naquela defesa do Gainete talvez tenha sido o chute fora da área do Everaldo. Mas na minha opinião o Grêmio poderia ter decidido quinze dias atrás ou seis meses atrás no momento em que o Grêmio se deu conta que Agomar Martins não servia mais ao Grêmio como juiz.

ONOFRE — Quer dizer que o Agomar já serviu a o Grêmio?

DALTO — É uma pergunta bem feita.

WERNER — Eu disse como juiz.

DALTO — É, mas quer dizer que já serviu.

JEFFERSON — Lá de Pelotas nos 3 a 2 contra o Brasil o Agomar deve ter se servido.

WERNER — Eu disse como juiz, a hita do frase foi meramente respiratório. (risadas...)

JEFFERSON — Você diz que o Agomar não servia mais. Tá certo, não servia mais, dá um chute.

WERNER — Não serviu ao Grêmio como juiz honesto... equilibrado... equânime. Pronto, tirei o honesto e o equilibrado ficou equânime. O seu Agomar não é ladrão, o seu Agomar não é colorado. O seu Agomar não é parcial. Do ponto de vista do Grêmio aconteceu que por circunstâncias objetivas o seu Agomar algumas vezes na vida dele como árbitro se enganou e por coincidência se enganou contra o Grêmio. E a palavra coincidência vale no estrito sentido de coincidência. Não tem nenhuma conotação subjetiva.

JEFFERSON — É parapsicológico.

WERNER — Não entendi sua observação. Acontece que depois destes enganos o sr. Agomar Martins que, segundo me dizem, é um homem honesto, o que espero não se dele como de toda a humanidade.

DALTO — Da toda a humanidade vai ser difícil.

WERNER — Agomar se enganou várias vezes e até uma vez confesadamente.

DALTO — Quer dizer que ele parou de se enganar a favor do Grêmio e começou a se enganar contra o Grêmio?

WERNER — Eu não me lembro as vezes que ele se enganou a favor do Grêmio.

DALTO — Eu me lembro.

WERNER — Eu estou falando das vezes que eu me lembro. Depois de várias vezes que ele se enganou contra o Grêmio, o Grêmio deu-se conta disso e protestou. Criou-se então o problema. Problema inclusive sério para o Agomar. Eu não queria estar no lugar do Agomar. Quando o Grêmio reclamou, o Agomar ficou absolutamente intranquilo. Por quê? Porque qualquer assinalação de penalidades, de falta fundamental, que favorecesse o Grêmio, mesmo que válida, mesmo que certo, seria entendida por todo o mundo como uma limpeza da barra do Agomar com o Grêmio. Esse foi o problema que aconteceu. Tem gente que acredita na conta de débito e crédito. Tem gente que acredita que o Grêmio acreditou nisso. Tem gente também que achava que o Agomar de tanto se enganar contra o Grêmio um dia passaria a se enganar a favor do Grêmio, mas as coisas objetivas são importantes. O Agomar ficou tão preocupado em não se enganar a favor do Grêmio, porque isto ia parecer limpeza da barra dele. Acho uma posição honesta do Agomar. Então o Grêmio chegou à conclusão que o Agomar não servia como juiz — COMO JUIZ — ao Grêmio. Então resolveu impugnar o Agomar Martins como juiz. E que criou-se uma situação objetiva e ele não servia mais. Uma situação objetiva e que inclusive escapava dele. Da qual ele não tem culpa, o Grêmio não tem culpa, o colorado não tem culpa. Ninguém tem culpa. Das situações objetivas, geralmente, ninguém tem culpa. Depois da impugnação o Grêmio não conseguiu vencer o Grenal de hoje. Por quê? Porque apareceu na FGF o general Plácido. Esse cidadão que se declara um ditador achou que aquela postulação do Grêmio era um desafio a ele, então não recebeu aquilo como uma posição de antebraço. Ele chegou à conclusão que o Grêmio, o vetor Agomar estava vetando autoridade do sr. Plácido. Então ele achou que no momento em que fora pressionado a não indicar o Agomar tinha sido derrotado quer dizer, Grêmio contra Plácido, 1 a 0 para o Grêmio. Na subjetividade do sr. Plácido. Depois apareceu aquele problema do julgamento do Scotta no tribunal

de justiça desportiva que me parece chave. Grêmio 2, Federação 0. Aí aconteceu uma coisa muito comum a todos. Forem o susceptibilidade do gente e a gente diz vou pra desforra; e ele estava preocupado com a desforra. A primeira desforra aconteceu quando o Grêmio por conselho de um de seus advogados, que por coincidência sou eu, pediu fosse declarada a condição de jogo de Scotta e Rostain — isso e furo do PATO MACHO. Foi a federação de noite, falei com o Bayard, levei a jurisprudência, entreguei a ele e o Bayard pos no bolso. Eu estou falando aqui como...

DALTO — ... Advogado do Grêmio.

WERNER — Não, não. Como repórter do PATO MACHO. Entreguei a ele, e ele me disse que as 10h da manhã estaria com o parecer jurídico a respeito do problema da condição de jogo dos dois jogadores. Chegou o Bayard me cumprimenta pelo trabalho. Pega um dos funcionários da Federação, pede para botar em 5 vias o parecer dele, que ele ia levar para o Hofmeister. O parecer do Bayard era absolutamente favorável a posição que o Grêmio defendia.

Depois houve um parecer oficial do Hofmeister que seria distribuído a imprensa e que era absolutamente favorável a nossa posição. Aí que aparece não sei porque cargos d'agua o cidadão chamado Plácido. O cidadão Plácido entra na sala, o Bayard sai e ele diz ao Jesus Afonso na nossa frente: — "Olha, as coisas vão mudar". Duas horas reunião entre os três. Ouve-se da porta a afirmação seguinte do Bayard: "Meu parecer está absolutamente certo, completamente certo e eu garanto por ele". Diz o Hofmeister: — "Mas isto vai repercutir em todos nós, é um negócio muito grave". O Bayard confirma: "Não, mas está absolutamente certo". Eu e o Jesus Afonso e outros da procuradoria do Grêmio estamos escutando na porta evidentemente o pessoal da Federação se da conta disto e manda abrir o radiô em tom bem alto. Então ninguém ouve mais nada. Meio hora depois sai o Bayard e diz o seguinte: — Olha o parecer aquele que eu estava fazendo (segredo alguma coisa a um funcionário) e eu pergunto aos funcionários: — Tá pronto? E ele diz que a máquina estragou, não dá para bater mais. E eu digo, não, mas eu tenho máquina no escritório, eu trago a máquina. E aí alguém me dá o início do parecer que se tenho aqui no bolso, onde, basta ler, indicia ser absolutamente favorável ao Grêmio. Meio hora depois termina a reunião, o Bayard sai e diz ao Jesus Afonso que egressista: — Porque que as coisas se transformaram. Saem Bayard, Plácido e Hofmeister. Hofmeister leva um cartaz processual no bolso e diz a nós, advogados do Grêmio, um dos quais era eu, o seguinte: — Olha eu recebi um parecer e resolvi levar pra casa e fazer um estudo jurídico do problema.

JOSÉ ONOFRE — O Hofmeister?

WERNER — Isto foi no saguão do elevador. Entra parentésis agora: Eu acho que a partir daquele momento a acessoria jurídica do Grêmio deveria se afastar do caso e imediatamente indicar a contratação do Leopoldo Heitor que e especialista em coisas enterradas, como a tal parecer. Esta é o primeiro fato. E o dr. Hofmeister disse que daria 24 horas depois o parecer. Eu acho que ele é doutor, deya ser dr. ou alguma coisa, pois daria um parecer jurídico.

JEFFERSON: Seta mais um dos documentos secretos que o PATO publicou.

WERNER — Não, não é secreto, é público mesmo, eu ofereço. Hofmeister disse, olha eu só posso dar um parecer hoje a noite ou amanhã pela manhã pela manhã. A noite eu chego pra ele e digo olha eu vou entrar com mandado de segurança. Mandado de Segurança Segurança Preventiva. O Grêmio considerava certa a situação jurídica de seus jogadores. Scotta e Rostain. Então procuro com quem eu me dou, que era juiz de

Federação Gaúcha de Futebol

Filial à Confederação Brasileira de Desportos

Fundada em 18 de maio de 1918



PARECER

1. — O instituto da SUSPENSÃO CONDICIONAL DA PENA, uma das mais modernas conquistas da Direito Penal, porque distingue o infrator primário do comum, evita o promíscuo contato daquele com este, go tempo em que elimina as consequências perniciosas das penas de curta duração e estimula o condenado a não reincidir, objetivando a sua recuperação, apesar da divergência dos doutrinadores, parece que nasceu mesmo nos Estados Unidos da América do Norte, por volta de 1876, via do "probation system", onde se cuidava da suspensão da sentença (suspension of the sentence).

Em 26 de maio de 1884, o senador Beranger, encaminhou à consideração do Parlamento francês o referido instituto que, no entanto, só foi convertido em lei em 1891, sendo desresaltado que, em 1888, o Parlamento belga já o incluía em sua legislação penal. Extremamente de dívida, contudo, que o chamado sistema franco-belga, encontra sua origem e mérito na pessoa do senador francês. Nosso Código Penal de 1890, não o adotou, só surgindo entre nós em 1924, através do Decreto nº 16.588, sendo Ministro da Justiça João Luiz Alves. No atual Código Penal, o assunto é tratado no art. 57 e seguintes, e na lei nº 4.737 de 1965 no art. 696 e seguintes.

2. — Na ação de Magalhães Noronha, é a suspensão condicional da pena ("sursis") medida jurisdiccional que determina o sobrestamento da pena, preenchidos

plântao; dr. Jose Sporb Sanseverino, juiz federal. Aí ele diz não porque acho que voce tem razão e tal mas me sinto suspeito porque sou conselheiro do Grêmio. Não mas doutor no RGS todo mundo é gremista ou colorado! Aí ele me indicou o dr. Hermilo Galante minutos depois, me informou que ele, Galante, estaria em casa as 10 da noite me esperando. As 10h, eu fui junto com dois colegas no edifício onde mora o dr. Galante, bato a companhia, telefono, não tem ninguém em casa. No mesmo edifício mora o Comim, dirigente do São José que e testemunha do que estou dizendo. Fomos lá para o Comim e esperamos até a 1h30min da manhã. Daí fomos para o Sanseverino e eu disse que não o estava procurando como gremista ou como conselheiro ou como nada, eu queria a prestação jurisdiccional e ele diz, mas eu não posso porque sou conselheiro do Grêmio e tal, vocês devem procurar o dr. Galante que e um homem honesto, reto e mais 5 adjetivos que eu não lembro. Digo, bom, se até as 8h da manhã eu não encontrar o dr. Galante vou lhe procurar e o sr., ao menos, vai se declarar suspeito para julgar. Uma e meia da manhã, quinze para as duas, o dr. Galante não está em casa. Aí eu disse, não julgam o Grêmio mas também não dormem, — pedi que telefonassem de 15 em 15 minutos para o dr. Galante. Fomos ao hospital onde ele tinha um irmão doente e disseram que ele tinha saído as 10h da noite. As 2h30min ele atende o telefone, me diz que susto o sr. me dá, estou como meu irmão doente e eu digo para ele que susto o sr. me dá, — estou com um mandado de segurança desde as 10 da noite. Aí eu levei o mandado de segurança na porta da casa dele e ele me diz, o sr. vé, eu não posso despachar agora pois estou trespassado, mas as 8h da manhã o sr. me telefone e tera uma resposta. As 8h em ponto eu telefono, ele diz, o sr. vé estava muito cansado, recém acordado, dava para telefonar as 10h da manhã? Eu digo pois não, as 10 eu telefono. As 10h eu telefonarei pra ele, pois e, a situação e difícil, tem muitas possibilidades, me telefona ao meio-dia. Telefono ao meio-dia e ele diz pois e, mas o juiz de plantão e o Sanseverino, eu atei telefoniei pra ele, e quem soba se a chuva hoje a tarde vai resolver o nosso problema? Mas dr., eu estou lhe pedindo uma solução judicial e não meteorologica.

(Risadas)

WERNER — Mas vem cá, diz o dr. Galante, quem sabe se a Federação não resolve o problema? Pois e, o sr. vé, o sr. esta me propondo um problema muito complexo. O sr. sabe que o meu telefone desde as 10h não pára de telefonar para mim e tal, porque a outra parte esta preocupada.

RUY — Mas quem e essa outra parte?

L. FERNANDO — Eu entendo que não e o Inter.

WERNER — Não, evidentemente, porque o Inter não era parte no mandado de segurança. As partes são: Grêmio Futebol Portolegrense e Federação Gaúcha. Ediz o dr. Galante: — Estão me telefonando, estão me pressionando, PRESSIONANDO.

ONOFRE — PRESSIONANDO?

WERNER — É PRESSIONANDO. Ele repetia: Estou me pressionando e vou lhe dizer uma coisa, não posso. Decidir hoje. Posso decidir amanhã. Digo eu, dr. e eu não consigo odiar o grenal... E eu preciso pra hoje. Certo, mas eu não posso, porque se eu der a liminar vai prejudicar a outra parte. Mas me parece que o juiz e algum que declara o direito de uma parte em prejuizo da outra. Pois e dr., o sr. me desculpe, e não me desculpe, e não me leve a mal e tal...

WERNER — Quem e que deve ter telefonado ao dr. Hermilo Galante? Quem? Só soba da interposição do mandado de segurança eu, o Flavio, o dr. Sanseverino e o Comim. Não sei, a única coisa que eu imagino, a outra parte deve ser Federação.

CHARME



Muito charme. É o Opala de Luxo. Para fazer um belo trabalho, a Opala de Luxo tem um motor de 1.800 cmc, com 100 cv de potência, e uma transmissão automática de 4 marchas no eixo de transmissão. O interior da Opala de Luxo é acolhedor e confortável.

Opala De Luxo

A máquina do prazer.



Não fosse a linha PSD mineiro com que o Jornal de Brasil foge às conclusões e ao comprometimento, a série do repórter especial Jurez Bahia (dias 16, 17, 18 e 19 de junho) seria o melhor trabalho que já se fez sobre a indústria automobilística brasileira desde que JK (na época) foi presidente.

neiro como o seu homem (2.000 da FNM) a linha PSD no início dos anos 60. Nas quatro matérias aéreas, Bahia amontou um rosário de números e citações técnicas que dá uma ideia do SERVIÇO DE JORNALISMO DE INVESTIGAÇÃO.

boa di

O BELO ANTONIO (PRA NÃO FALAR NO MODESS)

O trabalho de Bahia, num de seus poucos momentos de crítica direta fala dos falecidos Simões (ele não se arrisca a falar do Dauphine, vulgo «modess» — «se uma vez e jogue fora!»). Um exemplo (de promessas cumpridas) é o fracasso da Simca. Este é um dos nomes europeus de maior conceito. Aqui, porém, a Simca se preocupou mais em iludir o mercado. Era público e notório entre os fornecedores que peças rejeitadas pelas outras fábricas tinham livre circulação na Simca. Quando a Chrysler assumiu o controle da Simca, realizou os primeiros testes de qualidade, resolveu trocar o eixo de comando de válvulas dos Simcas, sem ónus para os proprietários. A mesma operação quanto a outro item feita pela Ford-Willys. Mas ao contrário da FW, o problema do Simca era controle de qualidade. Depois de chamar de «ovo de Colombo» as soluções da Chrysler para o produto cuja «qualidade» havia assumido, Bahia acaba revelando que a empresa de controle de qualidade que a Simca importara de França ficou encoberto, todo o tempo — e só foi descoberto quando a Chrysler tomou conta do acervo. Vale a pena lembrar — coisa perfeitamente desconhecida para quem já teve um Simca — que o Belo António como foi apelidado, era anunciado como carro de luxo e que o Esplanada, que recebeu a estrela da Chrysler no capô, depois de pequenos retoques, se do advento do controle de qualidade. De foi, talvez, o carro de melhor acabamento já fabricado no Brasil. (Vide as citações de usadas).

Mas, como acontece com o psicólogo que cuida dos filhos do cliente e surpreende seu próprio rebento fumando maconha debaixo da escada, a Chrysler espica a experiência muito depressa. Segundo Jurez Bahia: «Os pneus usados pelo Dart... (7,5x14 — 4 lonas) oferecem segurança até os 130 km/h. O Dodge Dart anda até 180 km/h. O Dart tem sérios problemas de suspensão, cuja torre não é ligada com poucos pontos de solda. Não mais que três. Onde está o perigo? Nos pontos de solda que começam a se soltar depois dos 25 mil ou trinta mil quilômetros. A «descascada» na Chrysler ainda entra no campo da dirigibilidade do Dart: a direção do Dart é do tipo «bica-sem-fim» e volta. Tem uma redução de 24:1. Com o carro em movimento, é leve e de fácil manuseio, desde que o carro não entre em derrapagem. O motorista inexperiente invariavelmente se perderá tentando corrigir o curso de um carro desgovernado, tendo que dar tantas voltas na direção. Mesmo um volante profissional teria dificuldades em controlá-lo. E na segurança, nada? Tudo, diz o Bahia: «A suspensão do Dart requer barra estabilizadora (que não existe).

O MOTOR DO DART SOFRE DE «EQUIVOCO»

Mas a mala terrível revelação quanto à Chrysler é o engodo publicitário com que os Dart foram lançados: «A Chrysler lançou o Dart anunciando uma taxa de compressão de 6,85:1, produzindo 198 HP (SAE) a 4.400 rpm, com torque de 45,5 mkg a 2.400 rpm. Um equívoco a desfavor do mercado. Porque com a baixa de compressão anunciada a Chrysler esperava, em primeiro lugar, convencer o público de que o carro não teria problemas de auto-ignição e assim apagar a péssima imagem do Esplanada (pouca potência básica para a potência desenvolvida naqueles modelos). Em segundo lugar, o anúncio da taxa de compressão permitiria no ano seguinte ao do lançamento do Dart um outro recurso: aumento da potência do motor com base na elevação da taxa, de 6,85:1 para 7,5:1. Houve mesmo o aumento? Mais um equívoco contra o interesse do público. Primeiro porque o motor com compressão de 6,85:1 nunca daria a potência anunciada e, segundo, porque os Dart foram lançados com taxa de compressão de 7,5:1. Ora, com 7,5:1 de compressão o motor do Dart produz só 174 hp a 4.400 rpm e o torque correto, de 41,5 mkg a 2.400 rpm.»

AVISO: O Pato estranha a insistência do jornalista citado em usar o termo «equivoco», principalmente quando os resultados e testes mencionados em seus artigos podem ser confirmados por qualquer dinamômetro. (O próprio Bahia insiste que o Instituto Tecnológico de Aeronáutica poderia configurar seus dados, submetendo a testes os motores produzidos pelas fábricas brasileiras — quase todas «equivocadas» em suas especificações técnicas).

O GALAXIE NÃO CUMPRE O QUE PROMETE

«De interior bem acabado, de boa segurança quanto aos pneus, o Ford Galaxie tem seus «seus» de quem? maiores problemas nos freios. Pesando 1.750 quilos e usando o mesmo diâmetro de tambor de freios do Dart (que pesa 1.500 quilos), os freios do Galaxie se aquecem rapidamente, sem que haja área suficiente para a dissipação do calor. As vezes, em ruas de tráfego intenso, o condutor do Galaxie descobre, de uma hora para a outra, que está sem freios. Bahia ainda acusa o Galaxie de não possuir a potência especificada pela fábrica, embora com menos exagero do que o Dart.



De todas as críticas de Bahia, que uma crítica (Ah! não há história) convence um pato bem intencionado, e que envolve quem não sabe.

Por isso, o Pato de Serviço: você qual é?

A POTENCIA REAL DO

CARRO	A fábrica diz que te
DART	198 HP a 4.400 RPM
GALAXIE	190 HP a 4.600 RPM
CORCEL	68 HP a 5.200 RPM
CORCEL (GT)	80 HP a 5.200 RPM
OPALA (3.800)	125 HP a 4.000 RPM
OPALA (2.500)	80 HP a 4.000 RPM

VW — (O autor do estudo se omitte ao ficar que as potências esperadas não são vivas, vivas)

OBSERVAÇÃO: O autor do estudo quis os Aero e carros totalmente les carros altos des do Governo I



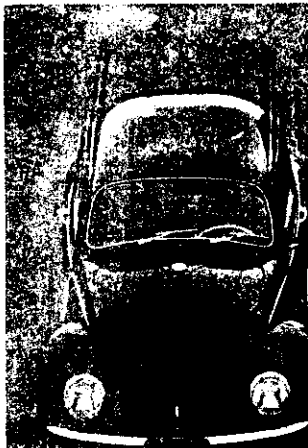
...mimo...
...estilo...
...sua...
...da...
...um...
...expli...
...ambo...
...da...
...ores...
...brasi...

...o pelas fábricas de au...
...noveis, não leva em con...
...a principal determinante...
...esta fragilidade: a psico...
...gia do consumo no Bra...
...si.

Assim, ao invés de dizer...
...que as fábricas brasileiras...
...vendem sonhos para sujei...
...tos zelosos de seu «sta...
...tus», o repórter do JB com-

para a segurança do VW nacional com a de seu irmão germânico — tudo com números, mas sem o mínimo mólho.

Agora o PATO resolveu regar o excelente trabalho técnico do JB com o champagne fornecido pelas próprias fábricas e você pode jantar a diferença entre a realidade e as promessas que o levaram a comprar um carro nacional. Boa digestão.



Para quem tem pressa.

V não pode parar. Não pode deixar seu carro na garagem. Conte com o Fusca. Com ele não tem problema: é econômico em tudo não para...
...é Volkswagen. Sa v, vai comprar o 1300 de sua vida, o novo 1300 é a 1300 que v precisa para chegar mais depressa em qualquer lugar.
...Mas se v, vai comprar um 2º carro para sua mulher, o Fusca também é o ideal.
...Mesmo que ela não seja tão interessada como você.

VW 1300



Para quem tem muita pressa.

O Fuscão tem todas as vantagens do Fusca. Só que chega ainda mais depressa. Tem motor 1500 que garante mais potência, torque e velocidade.
...Biteia larga a barra compensadora no eixo traseiro. Sa v, é muito apressado e não pode parar, o Fuscão é o carro certo para você.

VW 1500

direção

...das do Bahia, a mais grave é mais Aquela história do «equivoco» não em intencionado) — é uma acusação: todas as fábricas.

...dá o serviço completo e mostra a

A REAL DO SEU CARRO:

...rica diz que tem: Mas a quente é:

- HP a 4.400 RPM 174 HP a 4.400 RPM
- HP a 4.600 RPM 157 HP a 4.600 RPM
- HP a 5.200 RPM 60 HP a 5.200 RPM
- HP a 5.200 RPM 72 HP a 5.200 RPM
- HP a 4.000 RPM 102 HP a 3.600 RPM
- HP a 4.000 RPM 67 HP a 3.600 RPM

...studo se omite, o que parece signi-
...otências especificadas são reais —

...tor do estudo explica que não pesou os Aero e Itamaraty por serem os totalmente obsoletos (são aqueles carros altos usados pelas autoridades do Governo Estadual).

UMA BOA (E MEIO VELHA) NOTÍCIA: A FORD ERROU EM SEU CORCEL E TROCA SUA SUSPENSÃO DIANTEIRA DE GRAÇA.

As 4 rodas dianteiras do Corcel 1969 não aceitavam alinhamento. A Ford decidiu honrar seu slogan «Tradição Universal Ford» e — na noite para não provocar correrias — começou a trocar os kits de suspensão dianteira. Já trocou 40 mil, mas ainda vai levar um bom tempo até trocar todas (a rede de serviços é deficiente). Nos Estados Unidos, a mesma Ford agiu de maneira diferente com o Ford Pinto (pequeno, feito para concorrer com o Vega da GM e com os importados do Japão e da Alemanha): Recolheu — a operação é chamada Call-Back — 200 mil Pintos para a revisão de defeitos de fabricação.

Outras revelações: O Opala tem os mesmos tambores de freios de 9 polegadas do extinto DKW. O DKW pesava 980 kg e corria a 125 km/h. O Opala pesa 1.150 kg e alcança os 170 km/h (diz a fábrica). E a suspensão tem problemas no projeto da bandeja que quebra ou trincava antes dos 30 mil quilômetros.

FORD CORCEL  QUALIDADE UNIVERSAL FORD

o carro jovem

O PUMA DO ZAMPROGNA CUSTA MENOS NA EUROPA — COM 50 ITENS DE MELHORIAS

Para poder exportar para a Suíça e para os Estados Unidos, a Puma teve de refazer seu carro. Ali nasceu o Puma GTE, com mais de 50 modificações relativas ao acabamento e à segurança. No Brasil isto não foi necessário, embora o carro para o mercado nacional tenha melhorado bastante em função das melhorias do tipo exportação.

O VOLKSWAGEN MUDOU? MUDOU... NA ALEMANHA

No capítulo dedicado aos carros pequenos, Bahia compara a suspensão atualmente usada no Volkswagen brasileiro com a que o Corvair da GM usava, quando foi lançado. Uma infinidade de acidentes resultou num processo contra a GM, que só não teve parecer favorável ao consumidor que o promoveu porque a fábrica (a menor dos EUA) quebraria com a chuva de indenizações que teria de pagar a compradores do maldito modelo. Mas a GM trocou a suspensão do Corvair tipo (swing-axle) por outro sistema, de eixos completamente independentes. A suspensão reconhecível pela excessiva cambagem (inclinação das rodas traseiras para dentro) que se vê nos VW nacionais. A VW alemã também abriu as perninhas de seus cascados. E, atualmente, a VW Brasileira é a maior produtora do mundo (é a maior fábrica fora da Alemanha) de veículos com a suspensão swing-axle.

Al estão as deficiências do sistema: «É mesmo na suspensão traseira que residem maiores dificuldades do VW. Com tração nas rodas traseiras, a suspensão é a parte mais crítica do carro mais vendido no Brasil e na América Latina, cuja característica é «oversteering» (larga a traseira nas curvas). O fato de ser a mesma suspensão do condenado «Corvair 64» já dirá tudo sobre este item».

ALFA? QUE ALFA?

Como a matéria de Bahia só levava em conta dados concretos (números), o repórter preferiu não citar outras contradições da Indústria Brasileira e a FNM ficou de fora da rêsca (a única crítica ao FNM, que é basicamente um modelo dos anos cinquenta na Itália). O Pato lembra o evento e espera que agora, que o nome é mesmo Alfa-Romeo, a coisa mude. Afinal, tem muito garotinho aí dizendo que tem um Alfa quando na verdade só dirige uma berfina família de duas décadas atrás.

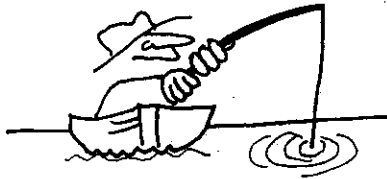
Única crítica do Bahia ao F. N. M. «Um ponto negativo nos modelos (?) da Fábrica Nacional de Motores é o seu Roll-Center (centro de gravidade) relativamente elevado, que prejudica a estabilidade em curvas muito fechadas.» Ele esqueceu de dizer que o volante encobre a visão do motorista (fica na parte de cima, à altura da metade do vidro) e que o sistema elétrico é o maior fornecedor de galhos do Brasil.

Texto Roberto Manera

nos bancos. Porque, enfim, ele vira fera na hora que v. quiser. Quem se sentiria melhor na Beleza-Brasília do que uma **VW 1500** fera?

Transas

LEVITAN
PÓRTO ALEGRE
 EM DIA DE CHUVA



É AQUI MESMO
 QUE EU MORO!

NRS PAG
 21 e 22
 NRS
 TRANSPAS

PARISIENSES

L'EXPRESS

Jean-Jacques Servan-Schreiber, antigo diretor da revista francesa L'Express, está lutando para retomar o controle da publicação. *Nouvel Observateur*, com um toque de fina ironia diz que Servan-Schreiber está querendo dominar novamente L'Express «ou para enquadrá-la na linha do Partido Radical, ou por que está precisando de dinheiro». Schreiber tem 40% das ações de L'Express, e Oliver Chevillom e Pierre Barret, diretores gerais da empresa, segundo o *Observateur*, não quiseram dar mais dinheiro a JISS. Enquanto isto, os jornalistas de L'Express (na França, eles participam das decisões) lançaram um manifesto em que esclarecem que «a redação se recusa a servir de ponto de apoio para quem quer que seja», ao mesmo tempo em que defendem «a independência da revista».



FUMAÇA NO VOO LAS PALMAS

CASA BLANCA

Tudo bem por aí? Com a gente vai tudo legal. Dentro de alguns dias chegaremos a Marrocos e nos meteremos deserto adentro. Aguardem novidades. Fernando FUMAÇA Nardi e Mário Gustavo Buchardt. Exclusivo de Casa Blanca.

SEGUNDA INTERNACIONAL

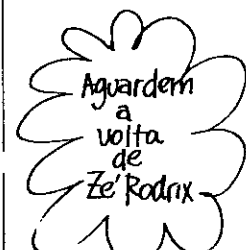
Comentário de Jean François Kahn, de «L'Express», sobre o congresso da Segunda Internacional, que reuniu Golda Meier, Harold Wilson, Willi Brandt e outros socialistas: «A Internacional Socialista existe. Eu a encontro!» «Os primeiros minutos do encontro foram curtos. Um tenor gordo se plantou diante da assembleia e, no momento em que se pensava que ia cantar a Internacional, entou uma grande ária do Barbeiro de Sevilha.» «Os grandes ausentes foram os chineses. Parece que eles, amantes dos grandes saltos adiante, saltaram por cima da Segunda Internacional. Eles não sabem o que estão perdendo.» E nada mais disse nem lhe foi perguntado.

CALCUTA

A versão parisiense de O Calcuta está sendo considerada pela crítica francesa, inferior ao espetáculo londrino. Os uns dizem são «mais prudentes» e menos bem escolhidos. O texto é mais bem educado. Ou seja: mais hipócrita. Como se sabe, a burguesia das grandes cidades, como a burguesia das províncias cultiva os vícios secretos.

MELINA

Um disco extremamente tocante, com sons singulares, irregulares: o primeiro disco de Melina Mercouri acaba de ser lançado em Paris. Um disco de revolta e esperança também de amor e humor, em que Melina se encontra com seu irmão de lutas, o compositor Mikis Theodorakis. «Minha loucura é eu me bater com a voz que posuo, assim como os gregos lutaram uma vez, na Albânia, sem batas. Eu não sou uma cantora». Melina não precisa ser uma cantora para nos fascinar; ela é principalmente a dignidade grega ou o que ainda restou daquela infeliz nação. Com Nunca aos Domingos exclama Melina eu me tornei para os coronéis uma embaladora do sonho e do turismo. Eles disseram: vinda a nossa casa, vinda dançar em nossos praias, como nossa Melina. Isto não poderia durar. Eu não podia dizer sim. Por isso sua voz velada e violenta, imperfeita e convincente é a voz de uma mulher que diz não. A Grécia ainda existe.



Aguardem
 a
 volta
 de
 Ze' Rodrix

VIA AEREA RIO

O RIO CONTINUA RINDO

Final o Coi não deu sinal de vida. / O Liverpool Sound está no meio do maior sucesso. / O MAM e sua cinemateca funcionam a todo vapor. / O Bruni 70 é uma homenagem ao mau-gosto, e é gigantesco. / Cr\$ 8,00 a entrada com os mesmos filmes que por aqui se passam e se cometem. / A telegrafia do texto fica por conta do choque cultural com a cidade sorrão. / Cláudio Ferlauto.

O RIO CONTINUA (II)

Voltarei ao assunto mais tarde: eu vi o Submarino Amarelo (melhor: revii) na cinemateca do MAM. Prá bom entendedor, meia palavra basta: fantástico. C. F.

CAPA!

A Lizete, do anúncio da Admiral (lembra?) e agora capa sexy da revista *Contigo*. Confirmem nos bancas. Odete Galvão.

CAETANO - DETALHES

O DISCO (Famous G/W Philips 6349.007) foi produzido por LOU REIZNER, que produz LPs de Rod Stewart e do conjunto FACES, atualmente um dos mais famosos na Inglaterra e nos EUA.

CAETANO toca violão, GIL, percussão e violão, RICHIE FRANCIS, contrabaixo, HAROLD McNAIR, flauta.

Participam do coro vocal: Sandra, Dodé Gadelha Ruth, Maria Helena, Lodo, Jorge Mautner, Antônio Sivar, Rogério Sganzerla e Helena Ignez.

O flautista HAROLD McNAIR morreu em março deste ano em Londres. Era integrante do conjunto Ginger Baker, AIR FORCE e colaborou com o cantor Donavan na maioria de seus discos. A sessão de violinos, que está na faixa MARIA BETA-NIC, participou do LP SGT. PEPPERS LONELY HEARTS CLUB BAND, dos Beatles.

Chupado do Jornal da Tarde/São Paulo.

SERVIÇO
DISCOS

PARADA DOS STATES / COMPACTOS (Pesquisa de «Billboard» — semana de 25 de junho a 2 de julho)

1. IT'S TOO LATE/ FEEL THE EARTH MOVE, Carole King;
2. RAINY DAYS AND MONDAYS, Carpenters;
3. WANT ADS, Honey Cone;
4. INDIAN RESERVATION, Raiders;
5. TREAT HER LIKE A LADY, Cornelius Brother & Sister Rose;
6. BROWN SUGAR, Rolling Stones;
7. IT DON'T COME EASY, Ringo Starr;
8. DON'T PULL YOUR LOVE, Hamilton Joe Frank & Royce;
9. WHEN YOU'RE HOT, Jerry Reid;
10. SWEET AND INNOCENT, Donny Osmond.

PARADA DA INGLATERRA / COMPACTOS (Pesquisa de «Melody Maker» — semana de 26 de junho a 2 de julho)

1. I DID WHAT I DID FOR MARIA, Tony Christie;
2. KNOCK THREE TIMES, Dawn;
3. BANNER MAN, Blue Mink;
4. LADY ROSE, Mungo Jerry;
5. I'M GONNA RUN AWAY FROM YOU, Tina Turner;
6. CHIRPY CHIRPY, Cheep Cheep;
7. MIDDLE OF THE ROAD, 10cc;
8. MY BROTHER JAKE, Free;
9. HEAVEN MUST HAVE SENT YOU, The Eltons;
10. HE'S GONNA STEP ON YOU AGAIN, John Kongos.

PARADA DO BRASIL / LPs (Pesquisa PMO — semana de 26 de junho a 2 de julho)

1. O DAFONA, Trinta e Sonora, vários (Som Livre/Odeon);
2. ELA, Elis Regina (Philips);
3. MUDEL DE IDEIA, Antônio Carlos & Jocafi (RCA/Victor);
4. LOVE STORY, Johnny Mathis (CBS);
5. ROBERTO CARLOS (CBS);
6. FEVERS (Odeon);
7. MAYBE TOMORROW, Jackson & Cape Car;
8. FESTA PARA UM REI NEGRO, Jair Rodrigues (Philips);
9. IVAN LINS (Fonovox);
10. EUSETH CARDOSO & SILVIO CALDAS, Vol. 1 (Copacabana).

COMPACTOS (Pesquisa PMO — semana de 26 de junho a 2 de julho)

1. MENINA DA LADRA, João S6 (Odeon);
2. ANOTHER DAY, Paul McCartney (Apple/Odeon);
3. VOCE ABUSOU, Antônio Carlos & Jocafi (RCA/Victor);
4. THAT'S WHAT I WANT, Souza S6 (Epic);
5. IF I WANT, Souza S6 (Epic);
6. VOCE MUDOU DEMAIS, Cláudia Barroso (Continental);
7. BALADA Nº 7, Moacir Franco (Copacabana);
8. HAVE YOU EVER SEEN THE RAIN, Creedence Clearwater Revival (RCA/Victor);
9. MOTHER, John Lennon (Apple/Odeon);
10. ME AND YOU AND A DOG NAMED BOB, Edu Lobo (Cbd).



FAÇA FICHA, VEM O ROTEIRO, VAI REVIVAR QUEM É A LÍNGUA TOMANTE HAALIT SOCIÉTÉ

ESPECIAL **EDU LOBO ATACANDO AQUI**

Um dos grandes compositores brasileiros, Edu é outro que tentou sem êxito o mercado americano. Durante o tempo em que lá esteve, gravou dois tipos: um especialmente para o Brasil (Cantiga de Longe), que não acrescenta nada à sua discografia e outro lançado no mercado americano (Sérgio Mendes Presents Edu Lobo). Este contém a maioria das músicas do Primeiro e provavelmente não será lançado no Brasil. É uma pena, porque não se mostra nada de novo do Edu compositor — tem apenas uma música nova, Even Now —, revela os notáveis progressos do Edu músico-arranjador. Trabalhando junto com Hermeto Pascoal.

Edu conseguiu, pelo menos em resultado de exceção, no arranjamento feito para Hermeto, onde a flauta e o piano de Hermeto aparecem em destaque, valorizando uma "barbaridade" a obra-prima de Lennon & McCartney. Apesar de se notar o dedo virulentamente comercial de Sérgio Mendes no disco, o lp é muito bom e fresco (de Odeon um lançamento no Brasil como "D'Elia"). Enquanto isso não acontece, o negócio é ouvir na Continental que o tem em lugar de honra na sua galeria de discos exclusivos. Vale a pena. (FERNANDO WESTPHALEN)

No Pato 13

COME HERE

SAIBA RESPONDER A ALTURA!..
COMUNIQUE-SE COM O MUNDO.
FIQUE POR DENTRO FALANDO INGLÊS.

TURNOS. MANHÃ, TARDE E NOITE.

INELI
instituto eletrônico de línguas

Rua Professor Annes Dias, 112 8:9:10: andares.

Fonos 25 85 68-25 85 69

Transas

Especial

Vitor Vieira

da Sucursal de São Paulo

Ato um desta história: Ruth Escobar chama Luis Fabretti para São Paulo. Fabretti chega e ensaia durante algum tempo em "Os Cavaleiros de Verona". O diretor é um cara imperioso: Michael Bogdanov, da Royal Shakespeare Company de Londres. Já foi até assistente de Peter Brooks no cinema. Vocês conhecem Peter Brooks, não é?

Ato dois: Ruth Escobar orgulhosamente apresenta para a imprensa de São Paulo a pré-estréia. Os críticos teatrais arrasam o espetáculo — um ve-xame, gente. Ruth Escobar sus-pende "Os Cavaleiros de Verona". O diretor está completa-mente por fora; está nos Esta-dos Unidos, onde foi assistir ao lançamento de outra peça de Shakespeare na Broadway. Foi engraçada, talvez, para ele a experiência brasileira. Exemplo: ele pediu 180 spots e dona Ruth Escobar quase desmalou. 180? Explicaram ao diretor que aqui nunca se usou mais de 90. Ele achou graça e usou 90.

Ato final: Fabretti vai ter que conseguir novo emprego. Vai conseguir: ele é ótimo. Enquanto isso, Bayard, que foi da Ar-quitetura de Pôrto Alegre e pou-sou em São Paulo para uns out-dors da Topeka, está ensaiando numa peça estilo "literatura de cordel". Manequim ator, Bayard está fazendo grandes experiên-cias.

O, QUE DELICIA DE GUERRA!

(Ao Paulo Totti)

E gostei que anulassem o golo do grêmio e que fôsse o Barreto a fazê-lo. Barreto, com seu tricolor zêlo, mas com a Comissão Nacional de Arbitragem no seu pêlo!

Ha!ha!ha!
Lembrei-me de 69, o grenal da decisão.

Quem era o juiz?
Quem era o juiz?
Só sei que ele anulou o golo do Valdomiro

e invadimos o campo e ganhamos no tiro. Mas claro: eram os Mandarins.

Não os "amorins", não os mandaletes. Mas que prazer ganhar deles só na base do macete!

Foi legítimo, Obino, foi sim e eu ví!
Mas vocês perderam um ponto... Too Bad...

E mais: como não possuem tato, vão perder o campeonato! Não adianta: vocês agora são nosso prato! (TICO SOLEDADE)

E VAMO E VAMO!

Dá-lhe, Tico! São poucas as que caem no chão. Eles foram hepta no apito e a coisa agora já não é mais a mesma. O ano passado eles já tavam à beira do abismo e agora o Obino deu um passo à frente: ninguém segura eles! Mas vocês foram um adversário tão presente durante algum tempo, que a gente vai fazer um bom e decente funeral. Estao convida das, desde já, as autoridades eclesiásticas, civis e militares, pra assistir, lá no gigante, o enterro de um elefante com miôlo de galinha. (S. GRÊDO)

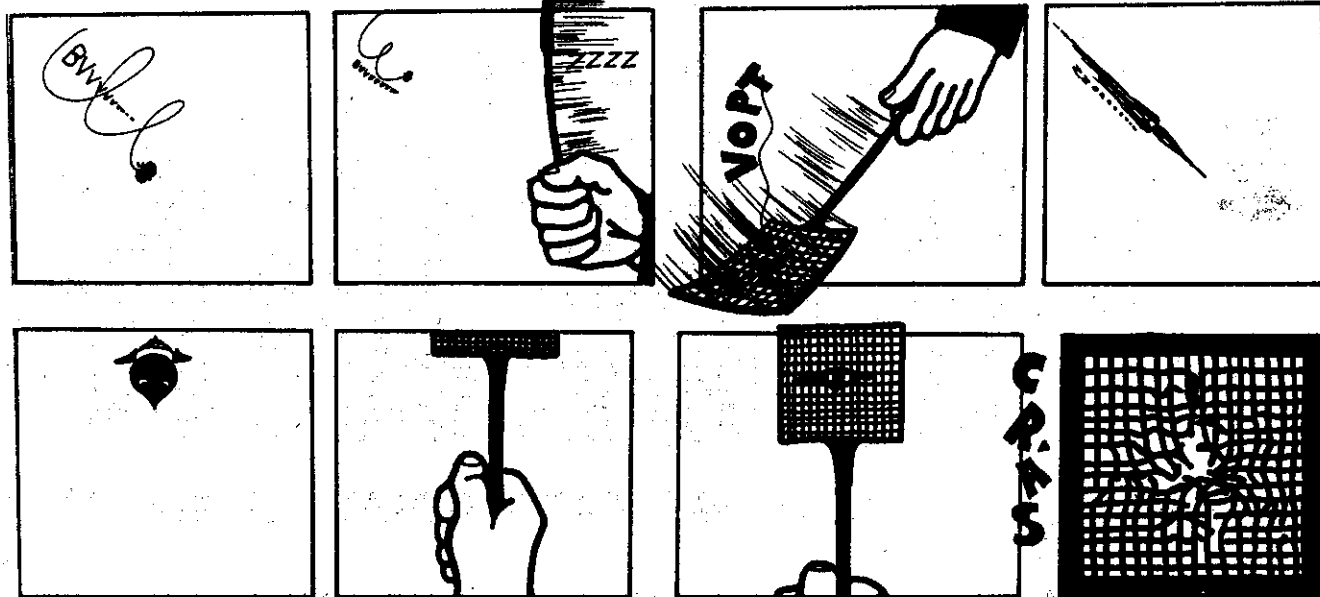
Não cuspe em quem está cado!

QUE É ISSO, GENTE? MONDE TÁ A HUMANIDADE DE VOCÊS? PÔIS DAQUI DESTE PEDACO DE PAPEL ME SOLIDARIZO COM O TOTTI O COO, O WERNER, O ODONE, NÃO DESEPEREM RAFAZES! O PETRY ARMA UMA VOLTA TRIUNFAL COM O SEU FRONIA E TUDO. MAS KEM CA, O WERNER, TANTO BARULHO PRYNADA, HEIN? IMAGINA SO SE AQUELE FAXA TEU LA DO "HE ANAR TIVESSE PENSADO AS COISAS, HEIN? PODIA SER PIOR, NÃO É MESMO? (JO.)

RADIO

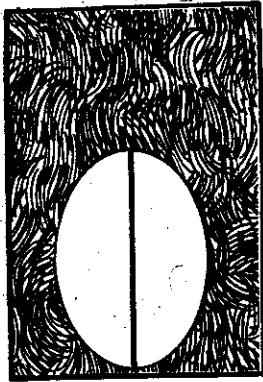
As 11 da matina bateram lá em casa perguntando se eu estava com o rádio ligado. Respondi que sim. Pensando que era algum mafioso do IBOPE ainda disse que ouvia a "Continental, the one". Ai o cara, meio desapontado, disse que era da Itat-jovens-fazendo-radio-como-você-gosta e que eu tinha deixado de ganhar muitos premios, porque não sintonizava no momento, a Dita Cuja. Bem, foi aí que eu entrei numa profunda: tinha deixado de ganhar uma garrafa de cachaca, um quilo de feijão "alfredinho" duas latas de azeite e uma entrada, grátis prum duplo no Castelo.

Rogério Mendelski



GERARD BY INICIA - 1971

PATO MACHO apresenta:



rachel

A MULHER 3001

bro
29

ESTE É O MAIOR ZOOLOGICO DO SISTEMA SOLAR, COM MAIS DE 500.000 ESPÉCIMENS Raros...



...CAGADOS EM QUASE TODOS OS PLANETAS VIZINHOS, QUE FAZEM A ALEGRIA DAS CRIANÇAS DE 3001.



GLUB!
GLUB!

OS NOSSOS ANIMAIS, BEM TRATADOS E ALIMENTADOS, TORNARAM-SE PREGUIÇOSOS, PERDERAM TODA A SUA AGRESSIVIDADE. PREZAMOS DE UMA NOVA ATRAÇÃO E...



... E POR ISSO EU FUI CONTRATADA PARA CAÇAR UM X-X NO PLANETA YHO1 DO SISTEMA SOLAR 5.



EXATO! EXATO!

3 CAÇADORES MORRERAM TENTANDO CAÇÁ-LO. APESAR DOS RISCOS, POR UMA ALTA SOMA EM DINHEIRO, VOCE ACEITA?



UMA ÚLTIMA PERGUNTA: NA SUA FICHA CONSTA: SEXO MASCULINO. POP QUE?

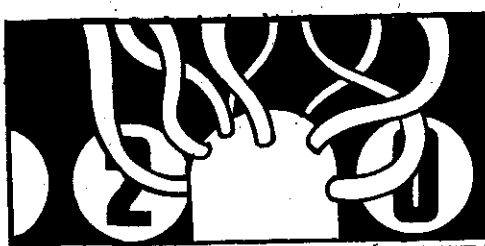


OH, SIM! DEVO RETIFICAR! MUDEI DE SEXO!



PRONTO PARA O TELE-TRANSPORTE. ATENÇÃO A CONTAGEM!...

9 8 7 6



RACHEL, ARMADA COMENTE COM SUA PISTOLA DE GELÉIA PARALISANTE (E MUITA CORAGEM) PARTE PARA O PLANETA YHO1. QUE PERIGOS A ESPERAM? LEIA NO PRÓXIMO PATO: O X-X ATACA !!!



As comidas do Carlos Heitor
ou
Dos almoços democráticos



TATATA PIMENTEL

Houve um tempo que era de Sociedade comer no Guaraxaim, tempos passaram e depois, saindo da Dorinha ou da Marly, ia-se reabastecer as forças exaustas no Treviso. Mas tudo isto é coisa que pertence a Achimedes Fortini, avô Hugo, que agora está na Itália. A noite é suprida pelo Barroquinho do José Majuro, servido pela Grosse-Hilda ou na tia Dulce. Mas, o tempo e o mores, o Carlos Heitor inventou, almoços réfregos e trópegos. Em homenagem a Dona Elita Dauth, grande amiga, já pôs assobinho na Vila, e só espera o verão para pre-enchêr a piscina. Soada a hora e guata as fadas, estudantes da arquitetura, encobertos pelos

do Direito, tendo na ala jovem os do Rosário, transpassam o portal da Cantina da Vila, quando as famélicas badaladas da hora doze soam na sala de aula. Alguns operários em construções próximas, acabando a piscina do Américo Silveira recolhem-se à mesa adrede preparada, o Ruy Sommer em atraso, devido à quantidade de dâimatas paramentados, só chega à uma hora. Dona Yara Pascal de Kraft, leiloando ainda os últimos Manabus, pede o picadinho à Ellas. Jussara Krause com Fonsinho Alves que lança olhares lânguidos a Lady Hilda, pede um mocotó.

Carlos Heitor, que não tem mãos a medir, trealoucadamente e

girogiando pela pista, serve ora um ora outro, pois segundo êle só se recebe dando e por isto é um tal de dar, sem conta que, Rodolfo Piéper só ganha comida depois que encerra o expediente na Crefisul com o Fim Moral.

O Beto Prado e a Ana Helena já degustaram as sementes de girassol, mas Katu, com o máximo de refinamento, pede sementes de papoula; o Margarida, explica a recente proibição da venda de tal fibra. Dona Zilah Bernd e Dona Maria Elisa Schestatsky, atrasadas, devido o término da aula entram acompanhadas de Vera Pignati que estava de reunião com Dona Maria José. São estudantes a entrarem enquanto operários

arrotam compassadamente. É a Sociedade que chega nos Dodge tremeluzentes. São os cronistas de Sociedade com talheres de prata a entrâr com o Herton de León. É o Linneo Chastello, self-made-man, a pedir morebread!

São êsses por fim que fazem os almoços democráticos do Carlos Heitor, naquela, naquela simples de requinte caseiro, onde por vezes se encontra notas de dólar, é naquele vinho, servido em botas de Luís Carlos Lisboa, que a noctívaga população, prevê o futuro do Beto Vargas, animus meminisse horret e o Ruy Sommer grita Cavé, Cavé, Cave Canis meus.

Ad usua delphini

QUEM QUISER VER DE PERTO BETO VARGAS, COM MUITA LUZ E SOM É SO IR NO DESFILE QUE NEREIDA E MARTINHA FARÃO NO BUTIKIN, DIA 2 DE JULHO, A GLORIOSA MARTHA GANOZZI, FILHA DE DEDE E FERNANDINHA, FILHA DE GHENO E DE DONA BETY. O DESFILE SERÁ APRESENTADO POR MIM, ARS LONGA, VITA BREVIS GROWY FASHION, NOME QUE AS MULHA INVENTARAM PARA A FESTA!

O meu amigo Salim Sessim reuniu uma pequena parte da colônia libanesa para parabenizar sua esposa. O casal Jorge Ajub e Dr. Theo e esposa, êle irmão de Dona Dulce Babê, terminaram na Tia Dulce lembrando Paris pela soupe à l'Orignón.

A Therezinha Ferrari, composta do acidente automobilístico que sofreu por intercessão de santos milagrosos, quando saiu com o Alexandre do Butikin, agora comparece acompanhada de Beto Vargas. Menina de bom gosto está aqui, mas não preza à saúde, outro acidente poderá acontecer...

Eu vi: A casa de Dona Carol Kersting tem uma piscina que imita a cabeça de um gatinho. As arelhas das escadas, a boquinha o rato e os olinhos feitos de pastilhas multicoloridas. A casa fica na rua do Lajos. Tem uma mobília Luis XV, doradíssima. Um lustre de cristal de vinte velas e uma mesa de banquetes com vinte lugares, tudo isto coberto por uma toalha de ludo vermelho-ôpera. O living que mede 2 por 4 (quadrômetros) é dividido por paredes das mais variados materiais, gesso salpicado, mármore bruto, e lambris de jcarandá, no fundo um tapete de arralolo vindo de Portugal e confeccionado pelas prásas de Lisboa, que acordavam pela madrugada, para copiar as cores da aurora. O banheiro é de mármore e a banheira é subterrânea. A mesa das bebidas ainda não ficou pronta mas conta de dois anjos de cemitério segurando um tempo de cristal fundido especialmente para Carol em São Paulo. Os sofás verde-musga alternam-se com os tapetes de nylon rosa-primavera, as cortinas em branco, amarelo-chinês e ocre-antigo, cobrem as paredes onde as imensas painelões dão vista ao colégio Anchieta. Si vis pacem para bellum.

A NOVA BOITE DO AMORIM, O BATE-CRÍFALO, CONTINUA PRESCUTANDO AS PROFUNDEZAS DA NOITE PORTO-ALEGRENSE.

FUMACA MANDA DIZER ATRAVES DO MARIO BUCHARD QUE EM DAKAR, MAIS FAMOSA QUE EU, SO PELE A CONTECE QUE EM DIALETO WOLOF, TALADO EM DAKAR, TATATA, QUER DIZER, AQUELE É O DEUS DA BELEZA, DO DINHEIRO E DA BOSSA. AD PERPETUAM RE MEMORIAM.



CATTANI, O GRANDE DA BABILONIA, VOLTA A ATACAR. DESTA VEZ NÃO SERÁ MAIS A PASSARELA DA BORGES E SIM A CASA DO CARLOS HEITOR. FELIZMENTE A CLASSE E O BOM GOSTO DO FIGURINISTA, QUE É UM DOS MAIORES TALENTOS DE PORTO ALEGRE, FOI RECONHECIDO PELO DONO, DA SAUNABOATEBAR-PASSARELASALÃO, DO CARAN D'ACHE.

Waltinho Manson e Torrado Manson preparam macunicações junto com Ambrósio Manson e o Sargento Ivan contra Cândida Sharon Tate. As cântas a pagar foram grandes demais.

Dia 25 de junho assistimos no Barroco o João Only, estreamos a grande écharpe signée Christian Dior, presente do Industrial Sidney d'Alencastro Guimarães. Coisa fina foi!



Harry Sabugosa

VINHO I: IDENTIDADE E RELAÇÕES EXTERIORES

O vinho deve ser seco. Como toda pintura, toda música, toda arte deve estar pronta para ser consumida, seca. O vinho suave é como uma pintura fresca, ou música incompleta. Não pode ser levada a sério. O vinho doce é uma contradição. Se você faz tanta questão do açúcar, tome logo suco de uva. E deixe o vinho em paz. O vinho — bebam-no cem vezes — é seco.

Passemos ao ponto seguinte. Relações do vinho com as outras ciências. Aquela sobre qual o vinho que se toma com tal prato. Não é mera frescura, há uma razão muito boa pra isso: O VINHO NÃO DEVE SER MAIS FORTE QUE O PRATO. Entende? Pois se o fôr, altera o gosto da comida rompendo o equilíbrio da refeição.

Um exemplo: peixe. Peixe é um prato de paladar débil, extremamente sutil. Você coloca umas gotas de limão no peixe e ele já acusa a modificação, não mesmo? Pois imagine acompanhá-lo com vinho tinto, que tem paladar forte, definido, agressivo. Não dá pé. O vinho indicado é o branco, que embora seco, não tem tanto temperamento.

Agora, com carnes, é o oposto. Assados, filé, encapados, têm paladar tão definido quanto forte — e um vinho branco junto a eles pareceria água. O acompanhamento deve ser feito, então, com um vinho forte, encorpado, como são os tintos em geral.

Um vinho que merece atenção é o vinho verde, de sabor ácido (feito com uvas colhidas antes da total maturação). Seu gosto é tão penetrante que a combinação ideal para ele tem de ser um prato muito forte, tipo bacalhoadá à portuguesa (com muito tempêro, azeite, etc.).

Em todo o caso, a regra é sempre a mesma, seja peixe, carnes ou bacalhau (uma categoria à parte): o vinho não deve ser mais forte que a comida.

E há até um regra três — a champagne — sempre seca (brut), nada de demi-sec, ou meio-doce (que hipocrisia!) que pode acompanhar qualquer prato e é agradável de ser tomada antes, durante e depois das refeições.

Na próxima vez, comentaremos, em uma frase ou duas, as distinções básicas entre os bordeaux e os bordeaux. Depois, falaremos acerca dos vinhos dos principais países produtores, inclusive dos nossos. E de como bebê-los, ao ponto de lhes dar o melhor valor. E, mais uma vez, bebamos a isto. Ponto final, por enquanto.



SERVIÇO
COMIDA & Cia.

AH, AS CADEIRAS DO PLAZA ..

Em julgamento: o restaurante de PLAZA HOTEL. Aberto diariamente para almoço e janta.

Rua Senhor dos Passos, quase esquina Alberto Bins (ou Otávio Rocha?).

Maior virtude — O ambiente. E a mesa de frios. Nota 8

Maior defeito — É um pouco caro. Nota 2

Ambiente — Muito bem decorado. Além dos hóspedes do hotel, muita gente daqui o frequenta. A feijoada dos sábados ganha adeptos. Cadeiras confortáveis. Nota 10

Serviço — Os maitres são gentis e eficientes. Os garçons se esforçam, mas como o Plaza adota o sistema de rodízio (todos

os bellboys têm treino de garçons) às vezes ocorre alguma trapalhada à Jerry Lewis. Nota 9

Limpeza — Muito boa. Nota 10

Louça — Muito boa. Nota 10

Cardápio — É pequeno, e as sugestões do Maitre são as caprichadas. Fora daí, o cardápio nem sempre cumpre o que promete. Prefira a mesa de frios e depois vá pela sugestão do Maitre. É a linha mais garantida. Nota 6

Detalhes — Ótimo cocktail de camarão. Nota 9

Ótimo cocktail de lagosta. Nota 9

Sobremesas variadas mas fracas, salvo a torta de chocolate. Nota 2

Média geral: 7,4

Restaurantes julgados até agora:

Floresta Negra — média 7,5

Sepé Michelin

você precisa deste

SERVIÇO

C PELE

Os tais casacões de pele marca Polo Norte estão vendendo por aí a 800 mas nas LOJAS RENNEN aparecem a 450. É que o inverno é curto e Renner precisa pensar na primavera. Aproveite.

A AROS

O PATO antecipa uma promoção das Lojas HERMES MACEDO: aros de magnésio para automóvel em 10 pagamentos sem acréscimo, pelo mesmo preço dos outros (300), que só oferecem 4 pagamentos. Mas atenção: a promoção não começou ainda.

D APARÉLHO

Nas outras lojas está pra cima de 300 mas no J.H.SANTOS da Dr. Flôres você compra um aparelho de café de aço inoxidável por 240 cruzeiros. E, com choro, baixa ainda mais.

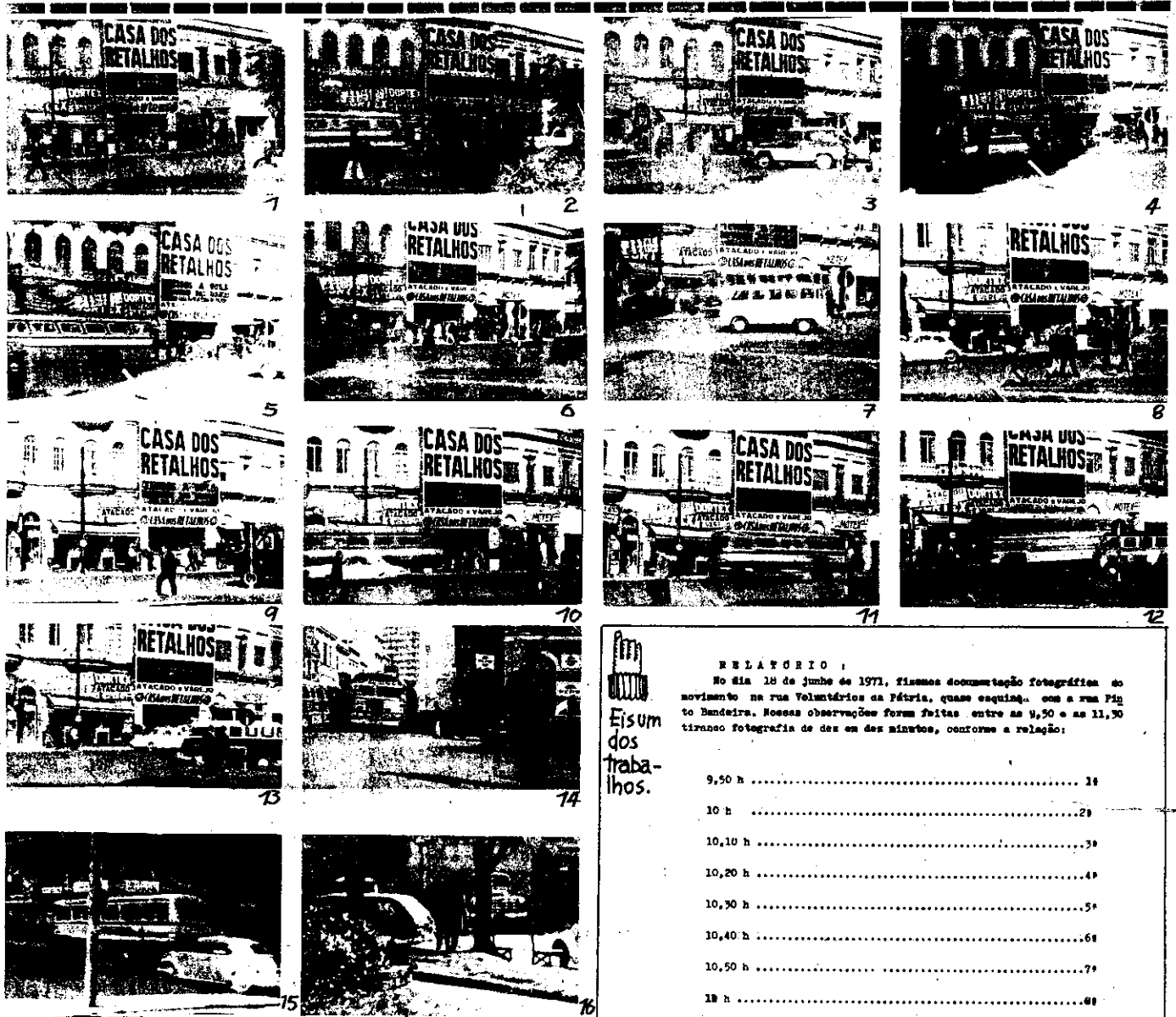
B BAURU

Olha aí, Sabugosa. O melhor bauru da cidade, por 1,80, é no Bar Trianon, Protásio Alves em frente ao colégio Rio Branco. Com ovo, 2,00. É o dono, o Fernando, quem prepara, e todo mundo sabe que olho de dono engorda o bauru

E SEGURANÇA

Na Farrapos, ao lado da Igreja São Pedro, estão vendendo cintos de segurança por 14,50. É negócio. O PATO só não garante a qualidade dos cintos...





ESPECIAL AÇÕES
Comportamentos
Um curso de JULIO PLAZA no Instituto de Artes.



RELATÓRIO :
No dia 18 de Junho de 1971, fizemos documentação fotográfica do movimento na rua Voluntários da Pátria, quase esquina com a rua Pinto Bandeira. Nessas observações foram feitas entre as 9,50 e as 11,30 tirando fotografia de dez em dez minutos, conforme a relação:

9,50 h	18
10 h	29
10,10 h	39
10,20 h	49
10,30 h	59
10,40 h	69
10,50 h	79
11 h	89
11,10 h	99
11,20 h	109
11,30 h	119
11,40 h	129
11,50 h	139
Vista da Voluntários da Pátria com a rua Chaves marcelos.....	149
Voluntários da Pátria com a rua Pinto Bandeira.....	159
Praca Getúlio Vargas de onde observamos.....	169

OSWALDO CRUZ

Carlos Pasquetti
Carlos Pasquetti

Mará Alvarez
Mará Alvarez

OUTRO.
Evolto!

Chuva, chuva, chuva
Chuva, chuva, chuva
Chuva, chuva, chuva.
Colorir, colorir, colorido.

Proposição: Colocar folhas de papel vermelho (côr solúvel) no painel branco do edifício da C R F na Av. Borges, press nas aberturas verticais, ou dia de chuva forte.

A chuva, dissolvendo a tinta, espalha rá a côr irregularmente manchada e branca, modificando continuamente a forma e destruindo tanto a côr como o material colorido.

Com um bando de máscaras....

